

A NASALIZAÇÃO DAS VOGAIS E DOS DITONGOS NO ANCESTRAL MEDIEVAL DO PORTUGUÊS BRASILEIRO ATUAL

Débora Aparecida dos Reis Justo Barreto*

Gladis Massini-Cagliari**

Juliana Simões Fonte***

- **RESUMO:** A finalidade deste trabalho é a de analisar a nasalização das vogais e dos ditongos presentes em 250 textos poéticos das vertentes religiosa e profana da lírica trovadoresca. O objetivo da pesquisa consiste em verificar, por meio da análise dos manuscritos remanescentes daquela época, se o til presente na representação gráfica das palavras encontradas no *corpus* era a abreviatura de uma consoante nasal ou se esse sinal simbolizava a nasalização da vogal e do ditongo. A metodologia se embasa em um estudo voltado à origem de tais palavras e à análise do contexto de ocorrência desses termos. A relevância deste estudo se mostra pela importância de se discutir as mudanças sofridas pelos segmentos, no contexto das palavras analisadas, no que diz respeito à nasalidade na diacronia do português. Essa evolução histórica foi definida por vários processos linguísticos, que nos auxiliam a compreender a trajetória desse fenômeno nesta língua. Os dados coletados demonstraram que a nasalidade presente na língua registrada nas cantigas vinha de períodos anteriores e era representada, na origem, por um elemento nasal *n* que, ao desaparecer, transferiu seu traço nasal para a vogal das imediações. Logo, mesmo que a nasal não fosse mais realizada foneticamente como uma consoante e sim como a nasalização de uma vogal, sílabas com vogais com marca de til (que já marcava nasalização da vogal na época) ou seguidas por consoante nasal no registro escrito do ancestral medieval do galego e do português se comportam como travadas por elemento consonântico, no nível fonológico.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Nasalização; Vogais; ditongos; Ancestral do português brasileiro atual; Cantigas medievais galego-portuguesas.

* Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, Brasil. Bolsista FAPESP (Processo: 2022/09590-4). debi_barreto@hotmail.com. ORCID: 0000-0003-3788-7429.

** Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, SP, Brasil. Bolsista CNPq (Processo: 304657/2023-9). gladis.massini-cagliari@unesp.br. ORCID: 0000-0002-4050-7645.

*** Fundação Vunesp, São Paulo, SP, Brasil. Pós-doutora. jffonte@vunesp.com.br. ORCID: 0000-0002-8054-0992.

Introdução e objetivo

Este artigo pretende realizar uma análise fonológica das vogais e dos ditongos que apresentam alguma marca gráfica de nasalidade (til ou consoante nasal em travamento silábico) na escrita do português arcaico (PA), termo que vamos adotar para nos referir ao ancestral medieval do português falado no Brasil (PB), em homenagem a Mattos e Silva (1989), comumente referido em outros trabalhos como “galego-português”.¹ Esta análise busca verificar, por meio da análise da variação gráfica, das rimas dos cantares e da reconstrução da origem das palavras que têm tais elementos, o comportamento fonológico dos segmentos representados por elementos gráficos relativos à nasalidade na época em questão. Para realizar este estudo, foram selecionadas 250 cantigas galego-portuguesas: 100 Cantigas de Santa Maria (CSM), da linha religiosa; e 150 poemas da vertente profana, 50 de cada um dos três gêneros canônicos (*amor, amigo e escárnio e maldizer*).²

Este estudo busca elaborar uma caracterização das vogais e dos ditongos nasais de um período do passado, mais especificamente da etapa medieval da língua. Para tanto, fez-se imprescindível a realização de uma análise histórica, de natureza diacrônica, das palavras com elementos nasais, a fim de resgatarmos a origem dessa nasalização no latim e nas demais línguas românicas. Logo, embora o nosso foco seja a época arcaica da língua, em alguns momentos foi necessário recorrer ao latim (ou mesmo a outras línguas mais antigas, como grego, dependendo da procedência dos vocábulos estudados) para conseguirmos esclarecer pontos em aberto.

Segundo Mattos e Silva (2006), a língua do período arcaico ainda não tinha uma norma ortográfica padrão instituída por lei, o que fazia com que a documentação daquela etapa exibisse muita variação na representação da escrita. Segundo a autora:

Caracteriza a documentação escrita dessa época a variação. Não apenas variação na grafia – as primeiras propostas de ortografia para o português se iniciam nos meados do século XVI – mas também a variação na morfologia e na sintaxe. Pela variação gráfica se podem depreender indícios de realizações fônicas conviventes e pela variação morfológica e sintática podem ser percebidas possibilidades estruturais, então em uso, que são indicadores para mudanças que depois vieram a ocorrer e que, a partir da normatização gramatical, a documentação escrita exclui, já que serão sempre algumas das variantes as selecionadas para o uso escrito normativizado das línguas. Com isso queremos pôr em destaque o fato de que o texto escrito do período arcaico se aproxima, em geral, mais

¹ Embora Venâncio (2019) tenha questionado o uso do termo “português (arcaico)” para denominar o ancestral do português, afirmando que o mais correto seria adotar “galego”, uma vez que a língua nasce na Galiza, a discussão da adequação do rótulo dado à língua/às línguas ibéricas da época foge ao escopo deste trabalho.

² Os critérios utilizados para selecionar as obras profanas se baseiam no trabalho de Massini-Cagliari (2015) e são: representatividade (escolhendo textos de autores de épocas diferentes), lugar e classe social.

da fala do que os textos escritos posteriores à normativização gramatical (Mattos e Silva, 2006, p. 17).

Assim, Mattos e Silva (2006) acredita que o material remanescente do PA é um relevante subsídio para o conhecimento da língua em uso na época, apesar das restrições necessariamente impostas na transferência do oral para o escrito³. Como a variação na grafia dominava as poesias produzidas na Idade Média, os elementos nasais eram representados de formas diferentes. Neste artigo, focalizaremos as vogais e os ditongos que apresentem marcas gráficas relativas à representação da nasalidade, visando esclarecer determinadas questões que ainda não têm uma conclusão na literatura.

Massini-Cagliari (2015) nota que trabalhos anteriores acerca da fase medieval, como os de Granucci (2001) e Biagioli (2002), revelaram que as vogais nasais daquela época não podem ser consideradas como intrinsecamente nasais, mas como sendo o resultado do espriamento de um traço nasal de uma consoante não especificada, localizada na coda da sílaba. Wetzels (1997), em seus estudos sobre o português brasileiro, defende que sílabas que contêm vogais nasais são pesadas, com dois *slots* preenchidos na rima.

No PA, palavras escritas com <n> e <m> em coda, muitas vezes, apresentam uma escrita com <~>, por exemplo: *bem/ben/bẽ*. Essas representações escritas são, naquela etapa da língua⁴, representações possíveis de uma mesma palavra. No entanto, o til é amplamente usado como um sinal de abreviação nos diferentes manuscritos que representam textos da época do PA, contemporâneos a ele ou não. Assim, seria o til a abreviatura, na grafia, de uma consoante nasal ou esse sinal simbolizava a nasalização da vogal e do ditongo? Camara Jr. (1979 [1975], p. 63) exibe que o til, “sobreposto à letra vogal, [...] era de início uma abreviação do *n* de que lançavam mão os copistas medievais”.

Como se vê, há muitas questões em aberto com relação à nasalização no período arcaico. Este artigo busca, por meio da análise das cantigas religiosas e profanas selecionadas, contribuir para o esclarecimento das temáticas elencadas anteriormente. Como mencionamos, embora este estudo objetive a realização de um trabalho focado no estágio medieval da língua, os resultados obtidos podem contribuir, futuramente, para a elaboração de estudos etimológicos e diacrônicos acerca do português, tendo em vista a análise aqui empreendida a respeito da origem de diversas palavras.

³ Massini-Cagliari (1998) explica que a escrita do português arcaico se embasava na latina, que compreendia uma grafia ortográfica e não fonética. Portanto, diversas forças regiam o sistema do PA, que não poderia ser considerado puramente como fonético. Dentre tais características, Massini-Cagliari (1998, p. 162) pontua que certos sons, como [n] e [i], apresentavam várias representações no nível gráfico, pois que diferentes grafemas podiam simbolizar um mesmo som. Ademais, a mesma letra podia retratar sons distintos, como o grafema <~>, que manifestava, conforme hipótese da autora, o som [i] e o som fricativo palatal sonoro [ʒ].

⁴ É importante ressaltar que os dados daquele período da história provêm de manuscritos de diferentes épocas. Os códices que sobreviveram até os dias de hoje são todos cópias ou cópias de cópias. Logo, nenhum deles é o original das cantigas (Massini-Cagliari, 2007).

Os cantares do medievo

Mongelli (2009) expõe que a lírica trovadoresca, durante seus trezentos anos de vigência no Ocidente, diferenciou-se das demais composições devido à sua aliança com a música e à sua inserção em um contexto feudal de restritas opções de temas. Neste trabalho, optou-se por textos das vertentes religiosa e profana da lírica medieval a fim de representar, por meio do *corpus*, as particularidades de uma época de extrema importância para a constituição do português.

As CSM se caracterizam por retratarem a forte religiosidade daquela fase. Tais textos se singularizam por terem a sua autoria conferida ao rei de Leão e Castela, Dom Afonso X, o sábio, embora pesquisas indiquem que o monarca não produziu todos eles. Leão (2007) menciona que, apesar de o rei ter escrito parte das composições, teve ajuda de seus colaboradores para a criação da maioria dos textos. Segundo Parkinson (1998), não se sabe, ao certo, quais foram os colaboradores do rei, mas acredita-se que eles só podem ter sido os trovadores conhecidos da época.

Massini-Cagliari (2015) comenta que as CSM foram feitas na segunda metade do século XIII. A coleção religiosa, segundo a autora, apresenta 427 poemas em louvor da Virgem Maria. Desse total, sete obras aparecem duas vezes. Existem dois tipos de CSM: de milagre e de louvor. Mongelli (2009) explica que o primeiro tipo compreende narrativas das intervenções milagrosas da Virgem em favor de seus fiéis; já o segundo tipo é conhecido por ser mais pessoal e subjetivo, abarcando poemas em que o rei louva as virtudes e a beleza de Maria.

Segundo Leão (2002), as CSM não demonstram somente um panorama da vida religiosa da Idade Média medieval, mas expõem a vida do povo em toda a sua complexidade ao narrar o cotidiano feudal na Península Ibérica em detalhes. Assim sendo, as cantigas religiosas oferecem ao leitor não só dados referentes aos hábitos da população daquela época, mas mostram também as doenças, os jogos, as profissões, a prostituição, as práticas monásticas etc.

Mongelli (2009) e Massini-Cagliari (2015) mencionam que o conjunto da lírica religiosa está em quatro códices. Parkinson (1998) expõe que os quatro códices representam um processo de ampliação e de evolução, porque, inicialmente, o número de cantigas produzido foi o de 100, pertencentes ao códice Toledo (To), o menor e o mais antigo dos códices. O códice Rico (T) foi o segundo a ser produzido devido ao desejo do rei de ampliar o códice inicial. O T é considerado o manuscrito mais rico em conteúdo artístico, com miniaturas decorando seus fólios. Mais tarde, uma cópia menos decorada do T foi realizada. Surge, assim, o códice Escorial Músicos (E), tido como o mais completo dos quatro códices. Por fim, há o códice Florença (F), também entendido como sendo uma cópia. F, considerado um segundo volume de T, é bastante incompleto e forma com o T o que ficou conhecido como Códices das Histórias.

Em relação ao conjunto profano, Massini-Cagliari (2007) esclarece que essa vertente da lírica trovadoresca é formada por mais de 1.700 cantigas, cuja autoria é atribuída a cerca de 160 trovadores. As composições pertencentes à lírica profana

demonstram sua representatividade por englobarem diferentes épocas, locais, categorias sociais e nacionalidades. Esses poemas são considerados verdadeiros patrimônios poéticos e foram escritos em três gêneros:

- *Cantigas de amor*: são obras em que o trovador se dirige diretamente à dama, mostrando sua submissão absoluta a ela. Singulariza-se por ser um tipo de texto mais culto, cortesão e erudito (Bueno, 1968).
- *Cantigas de amigo*: opõem-se às *de amor*, visto que a mulher toma a iniciativa, deixando de ser um objeto passivo de veneração longínqua e passando a ser um sujeito ativo frente ao afeto do namorado (Bueno, 1968). Foram escritas por homens, embora apareçam sob a voz de uma mulher. É um gênero mais comprometido com a dança e com a música, e, se comparado às *de amor*, é mais popular e nacional (Massini-Cagliari, 2007).
- *Cantigas de escárnio e maldizer*: de acordo com Massini-Cagliari (2007), consistem em sátiras morais, políticas e literárias, tenções, paródias, prantos e maledicências pessoais. Mongelli (2009) expõe que a razão de ser dessas obras é a ambiguidade e o contraste. É unânime entre os críticos o fato de que tais poesias pretendem mais divertir o seu público do que denunciar as mazelas sociais da época.

Massini-Cagliari (2007) afirma que muito pouco da produção da fase arcaica sobreviveu até hoje, restando apenas três cancioneiros, contendo compilações gerais, e cinco folhas avulsas, com um ou mais textos. Em resumo, o que se conservou da produção profana daquela etapa são oito testemunhos, datados entre o fim do século XII e o século XVI.

Para a realização deste artigo, fizemos uso dos três manuscritos profanos. O Cancioneiro da Ajuda (CA), para Massini-Cagliari (2007), é considerado o manuscrito mais contemporâneo aos trovadores (fim do século XIII e começo do século XIV) e o único com procedência ibérica. O CA apresenta somente *cantigas de amor* e não tem a notação musical de nenhum dos cantares. O *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa* (CBN) é o mais completo dos três cancioneiros profanos, sendo o testemunho único de cerca de 250 cantares. Abriga, em média, 1.560 cantigas, também sem notação musical, pertencentes aos três gêneros canônicos, de autoria de mais de 150 trovadores. Já o *Cancioneiro da Vaticana* (CV) é considerado o irmão do CBN em virtude de ambos apresentarem um número significativo de textos em comum. O CBN e o CV são tidos como cópias realizadas na Itália na segunda metade do século XVI. O CV apresenta o texto sem notação musical de 1.200 poesias e tem uma grande lacuna, que o priva de 390 textos (presentes no CBN).

Metodologia

O método de estudo adotado neste artigo se baseia na análise das representações gráficas das palavras com marcas de representação de nasalidade em vogais e ditongos coletadas no *corpus* e no estudo da origem dos termos que apresentam tais elementos. Primeiramente, foi feita a coleta de todas as palavras com vogais e ditongos com marcas gráficas de representação de nasalidade nos 250 poemas trovadorescos. Essa primeira coleta foi realizada usando edições atualizadas⁵ das composições poéticas para facilitar a busca e o entendimento de todas as palavras e a organização dos dados encontrados.

Em um segundo momento, depois de feita a coleta de todos os casos de vogais e ditongos com til nos 250 textos galego-portugueses, fez-se a conferência de todos os vocábulos coletados nas edições fac-similadas. Esse tipo de edição oferece ao pesquisador o dado real, sem alterações provindas de edição. Trata-se de uma fotografia, em tamanho real, do manuscrito em que se localiza o texto. O uso dos fac-símiles se faz de grande relevância para pesquisas que buscam analisar os escritos do passado, visto que apresentam o dado na íntegra, sem qualquer interferência.⁶

Depois de realizar o mapeamento das 250 cantigas que compõem nosso *corpus*, os dados coletados foram estudados de modo qualitativo. As ocorrências de variação escrita, as rimas das cantigas e a origem dos vocábulos nos quais as vogais e os ditongos nasais se encontram trazem, de forma indireta, vestígios a respeito da realização fonética e da função fonológica desses elementos da língua registrada nas cantigas. Assim, um estudo pormenorizado de tais aspectos se faz de suma importância para a análise por nós empreendida, uma vez que a observação das possibilidades e das impossibilidades de rimas entre terminações idênticas pode indicar se tais terminações tinham ou não a mesma pronúncia, naquele período.

Breve panorama das vogais e dos ditongos nasais do português

Camara Jr. (1985 [1970]) explica que existem dois tipos de nasalização das vogais do PB: uma fonológica, em que há distinção entre a realização nasal e a não nasal; e uma fonética, na qual não há oposição. Para o autor:

[...] é preciso assinalar, portanto, que uma nasalidade como *junta*, oposto a *juta*, ou de *cinto*, oposto a *cito*, ou de *lenda*, oposto a *leda*, e assim por diante, não se deve confundir com uma pronúncia levemente nasal da primeira vogal de *amo*, ou de *cimo*, ou de *uma*, ou de *tema* etc., em que o falante tende a antecipar o abaixamento do véu palatino, necessário

⁵ Para as CSM, usou-se Mettmann (1986) e, para as obras profanas, adotou-se Lopes e Ferreira *et al.* (2011-).

⁶ Massini-Cagliari (2015) explica que traços decisivos da versão original, como dados de variações gráficas, podem ter sido apagados de uma versão atualizada depois da aplicação de padrões ortográficos mais modernos. Por isso, o uso da fonte primária se faz imprescindível para esta pesquisa.

à emissão da consoante na sílaba seguinte, e emite já nasalada a vogal precedente. Aí, não há oposição entre a vogal nasalada e a vogal, também possível, sem qualquer nasalização. Com a nasalização, ou sem ela, aparecerão sempre as mesmas formas vocabulares, *ano*, *cimo*, *uma*, *tema* etc. (Camara Jr., 1985 [1970]), p. 47).

Segundo Camara Jr. (2019), a vogal nasal compreende um grupo de dois fonemas, que se combinam na sílaba (vogal + elemento nasal). Logo, o que se tem dentro da sílaba é uma vogal travada por um elemento nasal, conhecido como arquifonema /N/. O estudioso expõe que esse arquifonema se realiza como *m* diante de consoante labial na sílaba seguinte, como *n* diante de consoante anterior nas mesmas condições e como alofone *ñ* posterior antes de vogal posterior (como *campo*, *lenda* e *sangue*). Tais colocações, segundo Camara Jr. (1986 [1970], p. 58), foram observadas desde o século XIX, nos trabalhos de Gonçalves Viana.

Wetzels (1997) se filia aos trabalhos de Camara Jr. ao defender que as sílabas com vogais nasais se comportam como sílabas fechadas por elemento consonantal. Camara Jr. (1985[1970], p. 59-60) lista alguns argumentos a favor de sua interpretação⁷:

1. A crase entre vogais (*grand'amor*), frequente em PE, não ocorre quando a primeira delas é uma nasal: *lã azul* e *bom homem*.
2. Depois de vogal nasal só se realiza r-forte e nunca r-brando: *genro* e *honra*.
3. Dentro da palavra, não há, em português, vogal nasal em hiato. Portanto, ou a nasalidade que envolve a vogal desaparece, como em *boa x bom*, ou o segmento consonântico nasal se desloca para a sílaba seguinte, como em *valentona x valentão*. Assim, a não existência de vogal nasal em hiato mostra que o arquifonema /N/ se porta como qualquer consoante nasal intervocálica.

Os argumentos postulados por Camara Jr. (1985 [1970]) são cruciais para a consideração da existência de uma consoante nasal após a vogal vista como nasal, pois: 1) O bloqueio à crase, em sequências de termos em que o primeiro deles termina em vogal nasal, indica a presença de uma nasal interveniente; 2) O fato de somente existir r-forte depois de sílabas com vogais nasais sinaliza a presença de uma consoante entre a vogal e a rótica; 3) A impossibilidade de se ter um hiato com uma vogal nasal seguida de outra vogal evidencia que há um obstáculo entre as vogais em questão (Bisol, 2013, p. 113-114).

Aos argumentos de Camara Jr. (1985 [1970]) Bisol (2013) acrescenta mais um: o prefixo *in-*, presente em *infeliz* e *incapaz*, por exemplo, ao perder o elemento nasal diante de laterais ou vibrantes por um processo de assimilação, emerge com vogal oral. Dessa maneira, tem-se: *in + legal > illegal > ilegal*; *in + regular > irregular*. Esses casos, segundo a autora, são indícios de que, na sequência *in*, /i/ é uma vogal oral.

⁷ Camara Jr. (1985 [1970], p. 60) defende que essa interpretação também se aplica aos ditongos nasais do português, ou seja, os ditongos são compostos por uma sequência de duas vogais + arquifonema nasal. Por exemplo, em *muíto* se tem a seguinte representação para o ditongo: /uiN/.

Ademais, também representa uma vogal oral ao passar a nasal para o ataque, como em *inadmissível* e *inoperante*.

Bisol (2013, p. 132) pondera que não há no processo de nasalização da língua portuguesa o espraiamento a longa distância (observado em outros idiomas). Desse modo, em português, a nasalidade se estende somente à vogal vizinha. Segundo Moraes (2013, p. 96), a consoante da qual se propaga o traço [+ nasal], nas diversas línguas que apresentam o fenômeno, pode ocupar, na sílaba, três posições:

- a. coda silábica, caracterizando um processo de assimilação regressiva;
- b. ataque silábico, em posição intervocálica, o que permite que a nasalidade se propague, regressivamente, para a esquerda;
- c. ataque silábico, caracterizando um processo de assimilação progressiva.

Wetzels (1997) afirma que as vogais nasais (fonológicas) e as nasalizadas (fonéticas) do português são resultado de assimilação regressiva, ou seja, uma vogal oral assimila o traço nasal da consoante que a segue. Ao analisar os dialetos carioca e paulista, o estudioso explicita que a nasalização alofônica (fonética) se aplica (quase) obrigatoriamente às vogais acentuadas (como, por exemplo, em ['dõnv], *dono*) e excepcionalmente às vogais não acentuadas (como observado em [a'moh]/[ã'moh], *amor*). Já a nasalização fonológica, ou contrastiva, tem caráter obrigatório e não é sensível ao acento, nasalizando tanto vogais acentuadas como não acentuadas.

Mattos e Silva (2006, p. 67) expõe que as vogais e ditongos nasais do português resultam de vogais seguidas de consoantes nasais no latim. Tais consoantes podiam estar em coda silábica (lat.: *dente*/port.: *dente*); no contexto intervocálico, em que a consoante do latim vai desaparecer (lat.: *lana, manu*/port.: *lã, mão*); na posição final do termo (lat.: *cum*/port.: *com*); e, também, na contiguidade da consoante nasal que inicia a sílaba subsequente (lat.: *amare, annu-*/port.: *amar, ano*). Acerca desse último caso, a autora menciona que a queda da consoante nasal intervocálica deixou o traço nasal da vogal que a precedia e essa nasalidade se expandiu à vogal seguinte. Na documentação arcaica verificada pela estudiosa, a consequência fônica disso foi o aparecimento de hiatos constituídos de vogais nasais, que sofrerão mudanças futuramente.

Mattos e Silva (2006, p. 69) pontua que as vogais de mesma altura que ficaram contíguas pela queda da nasal *n* intervocálica sofreram, com o tempo, crase, ou seja, fundiram-se. A escrita da vogal duplicada com a nasalidade marcada por til era frequente nas poesias do PA. Mattos e Silva (2006) cita que essas grafias, como *lãa, bõo, tẽer* (latim: *lana, bonu, tenere*), prolongaram-se até o século XV. No entanto, a fusão de tais vogais começou a se realizar desde o século XIII, constituindo, assim, vogais nasais.

Já quando a perda da nasal intervocálica colocou em contato vogais de alturas diferentes, ocorreram, segundo Mattos e Silva (2006), hiatos vocálicos, em que a vogal antecedente ao *-n-* etimológico se tornou nasal. Tais hiatos serão desfeitos por várias

regras fonéticas no transcorrer do período medieval. Os exemplos apresentados pela autora, bem como os exemplos anteriores, fazem parte do nosso *corpus*:

(1)

perdonare (latim) > *perdōar* (port. séculos XIII-XV) > *perdoar* (port. século XVI)

corona (latim) > *corōa* (port. séculos XIII-XV) > *coroa* (port. século XVI)

bona (latim) > *bōa* (port. séculos XIII-XV) > *boa* (port. século XVI)

minus (latim) > *mēos* (port. séculos XIII-XV) > *meos* (port. século XVI) > *menos*

plena (latim) > *chēa* (port. séculos XIII-XV) > *chea* (port. século XVI) > *cheia*

alheno (latim) > *allēo/alhēo* (port. séculos XIII-XV) > *alheo* (port. século XVI) > *alheio*

senu (latim) > *sēo* (port. séculos XIII-XV) > *seo* (port. século XVI) > *seio*

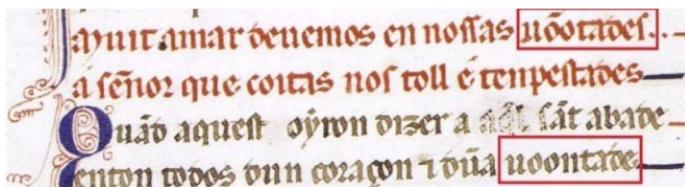
vinu (latim) > *vīo* (port. séculos XIII-XV) > *vinho* (port. século XVI)

Fonte: adaptado de Mattos e Silva (2006, p. 70)

Como se vê, o traço nasal desaparece em *perdoar*, *coroa* e *boa*. Na palavra *menos*, ocorre a reinserção da nasal etimológica em português moderno. Em *cheia*, *alheio* e *seio*, as sequências <eo/ea>, observadas no século XVI, foram desfeitas pela inserção de uma semivogal anterior e palatal, constituindo-se um ditongo. Em *vīo* (do latim), o hiato foi desfeito pela inserção de uma consoante nasal palatal <nh> (Mattos e Silva, 2006, p. 70-71).

Segundo Teyssier (1994), existiam cinco vogais nasais no português arcaico, a saber: ã, ē, ī, õ, ù. Mattos e Silva (2006, p. 68) esclarece que, “na documentação manuscrita medieval, a representação da nasalidade” poderia aparecer registrada “com til sobre a vogal ou com *n* ou *m* seguindo a vogal, de acordo com a grafia do latim”. Tal afirmação foi comprovada nesta análise, visto que uma mesma palavra, dentro de uma mesma cantiga, apresentava diferentes grafias dos elementos nasais, como pode ser visto na figura 1, em que *voontade(s)* aparece de duas maneiras distintas: com til e sem *n*, e sem til e com *n*.

Figura 1 – Voontades/Voontade (CSM 36 no To)⁸



Fonte: Edição fac-similada do códice Toledo (2003, p. 48v)

⁸ Transcrição dos versos, segundo Mettmann (1986, p. 150): *muit' amar devemos en nossas voontades / a Sennor, que coitas nos toll' e tempestades. / Quand' aquest' oyron dizer a aquēl sāt abade, / enton todos dun coraçon e dūa voontade.*

Segundo Maia (1986), o ditongo nasal *ão* do português, presente em palavras como *mão*, *cão* e *coração*, é proveniente de três distintas terminações do latim: *-anu*, *-ane* e *-one*. Mattos e Silva (2006) pontua que a queda da nasal *-n-* intervocálica está na origem do ditongo *ão*, porque, no latim, no PA e no português do século XVI, tinha-se:

(2)

- manu* (latim) > *mão* (port. século XVI)
cane (latim) > *can* (port. arcaico) > *cão* (port. século XVI)
coratione (latim) > *coraçon* (port. arcaico) > *coração* (port. século XVI)

Fonte: adaptado de Mattos e Silva (2006, p. 71-72)

Como mostrado em (2), as terminações latinas *-ane* e *-one* resultaram, em PA, em *-an* e *-on*, respectivamente, em virtude da queda da vogal final *e*. Mattos e Silva (2006) expõe que os estudiosos pressupõem, do ponto de vista fonético, que o travamento nasal presente em *an* e *on* favoreceu o desenvolvimento de uma semivogal, que, posteriormente, veio a se ditongar com a vogal nasal antecedente. Nessa proposta, o segmento nasal, depois de transferir o seu traço nasal para a vogal anterior, permaneceu, mas sob a forma de uma semivogal (com traços semelhantes aos da vogal precedente).

Massini-Cagliari (2011) realizou um trabalho em que investigou as terminações nasais do português antigo por um viés diacrônico. Em sua pesquisa, a estudiosa revela que o plural das formas cujo ditongo *ão* é proveniente de *-ane* e *-one*, na perspectiva fonética, é explicado devido à queda de *-n-* que, ao ser apagado, transferiu seu traço nasal para a vogal anterior: *canes* > *cães*; *corationes* > *corações*. Acerca das terminações nasais compostas por vogais iguais ou semelhantes no latim (como *-ana* e *-onu*), a autora pontua que a ressonância nasal foi preservada após a queda de *-n-* intervocálico, tendo ocorrido, em um momento posterior, a crase das vogais contíguas finais. A seguir, apresentamos exemplos que também constam em nosso *corpus*:

(3)

- germana-* > *irmãa* > *irmã*
lana- > *lãa* > *lã*
mattiana- > *maçãa* > *maçã*
bonu- > *bõo* > *bom*
donu- > *dõo* > *dom*
sonu- > *sõo* > *som*

Fonte: Fonte (2011, p. 29)

Para Parkinson (1993, 1997), Massini-Cagliari (1995, 1999) e Fonte (2011), as terminações latinas *-anu*, *-ane* e *-one* originaram hiatos no PA e não ditongos, isto é, embora as terminações *ão*, *ães* e *ões*, nos dias de hoje, sejam consideradas ditongos, isso não era constatado ainda no português arcaico. Assim, naquele período, *ão*, *ães*

e ões eram hiatos que, posteriormente, ditongaram-se⁹. Esse fato foi verificado pelos estudiosos, nas obras da época medieval, por meio da análise da métrica das poesias, em que constataram que, na escansão dos versos, as vogais das terminações em questão pertenciam a sílabas distintas.

A seguir, exibimos um exemplo retirado da CSM 4. Esse texto apresenta somente versos com sete sílabas poéticas e, ao fazermos a escansão da poesia, comprovamos o que as estudiosas constataram em seus estudos. Cabe pontuar que contamos as sílabas poéticas até a última tônica, por isso, destacamos as últimas tónicas dos versos. No exemplo em (4), é possível verificar que, para que todos os versos tenham sete sílabas poéticas, *crischãos* foi segmentado como *cris-chã-os*, uma vez que *ãos* era um hiato no PA.

(4)

*En / Be / or / ges / un / ju / deu
ou / ve / que / fa / zer / sa / bi / a
vi / dro, / e / un / fi / llo / seu
— ca / el / en / mais / non / a / vi / a,
per / quan / t'en / d'a / pren / di / eu—
on / tr'os / **cris** / **chã** / **os** / li / y / a
na / es / co / l'; e / e / ra / greu
a / seu / pa / dre / Sa / mu / el.*

Fonte: Adaptado de Mettmann (1986, p. 63, grifo próprio)

Além disso, Massini-Cagliari (1995, 1999) e Fonte (2011) revelam que as vogais dos termos terminados em -ãa, como *lãa*, *vãa*, *sãa*, *antivãa*, *grãa*, entre outros, também não ocupam a mesma sílaba nas cantigas, o que significa que, no ancestral medieval do português que dava suporte às cantigas analisadas, as vogais finais dessas palavras ainda não tinham sofrido crase. Cabe acrescentar, segundo Fonte (2011), que as terminações -an/-am, do latim -ane, não se confundiam, nas CSM, com a terminação -ãa, resultante da terminação -ana.

Levantamento e análise dos dados

Coletou-se, nos 250 poemas que compõem o *corpus*, uma amostragem de **1.368** palavras escritas com vogais e ditongos com marcas gráficas relacionadas à representação da nasalidade. Desse total, **1.185** palavras pertencem às canções religiosas e **183** às cantigas profanas. Nos quadros 1 e 2, apresentamos a listagem de palavras encontradas. Para facilitar a visualização, os vocábulos repetidos foram retirados.

⁹ Segundo Bisol (1989, p. 205), *ão* é um ditongo verdadeiro do português, preenchendo (pelo menos) dois ambientes na rima da sílaba, ou seja, tem rima ramificada na estrutura subjacente.

Quadro 1 – Palavras com vogais e ditongos com til nas CSM

Vogais e ditongos com til	Palavra em Mettmann (1986)
ã	gãou/gãemos/estrãya/estrâyo/eãyo/sãou/ mãefesto/mãefestou/sãydad'/ sãydade/vãydade/esvãeceu
é	vêo/mêores/enlumêada/dêostou/avêo/cercêou/ chêa/chêo/engêoso/engêos/ sêo/gêollo/gêollos/ agêollasse/allêo/fêo/mêos/têuda/amêaçou/alumêado/ alumêou/alumêava/têudo/dêostados/amerçêar/ amerçêasse/dêostava/terrêal/ dêosto/amêude/pêa/ Luçêa/cadêa/cadêados/pêas/cêar/dêostavan
í/y	reýa/reýas/menýo/menýy/menýos/mení/menío/meníia/judeucýo/maríeiro/ marýeiro/marýeiros/agýa/agíia/ mesqýa/mesqýo/mesqýos/camýy/camýo/ camýos/ meirýo/meezýa/meezýas/výan/devýador/ manýa/výy/výo/ Archetecrýo/vezýo/vezýos/tonelcýo/ dieyro/díeiro/díeiro/dýeiros/lýo/ festýo/armýo/tíia/ výudas/výudo/ordýado/ordýados/amýude/píal/ mýudos/ Espýa/louçaýa/pequenýa/pequenýos/ledanýa/ caavrýa/taulýa/andorýa/Catalýa/ canpaýa/madodýia/ fremosýo
ô	bôa/bôas/razôa/razôado/razôador/côrda/côrðar/ côrðada/dôa/dôas/perdôa/ perdôar/perdôado/ perdôados/perdôav'/galardôado/dôado/apôer/pôer/ rezôar/rezôado/môesteir'/môesteiro/môesteyro/sôa/pessôa/ rezôava/compôer/rezôamos/ rezôaron/apregôa/apregôar/pregôando/pôede/ nôa/Lisbôa/ladrôa/padrôa/sôadas/borôa/leôa/infançôa/ abaldôa/varôa/ môestamento/pôend'/sermôar
ú	hûa/hûas/hû'/ûa/ûas/dû'/dúa/û/algûa/algûas/assûada/ assûados/assûara/ gejûar/ningûa/aczûa/jejûaro/ jajûado/ descomûal/ni-hûa
Sequência de vogais iguais	ûu/ûius/hûus/dûu/dûus/bôo/bôos/niûu/sôo/algûus/ bêeyta/bêeita/bêeit'/ vêeron/vêera/avêera/vêes/atêen/ virgêes/virgîidade/virgîidad'/Tríidade/víida/ maçãa/ crischâa/têer/têe-lo/vêeran/víir/víia/avíir/bêeitos/ têena/bêes/tíya/ tíia/cêemos/têemos/têedes/vêestes/fiir/ nengûu/vêessen/êemigo/êemigos/ remíir/remíisti/ omagêes/châa/pêedenç'/pêedença/gâastes/louçâa/ vêess'/ tíian/víian/omêes/vêen/tíi'/víindo/bêeizia/ bêeizer/sâa/sâar/sâara/sâava/víisti/ mâar/mêesmo/têes/ atêes/convíia/vâa/câa/ssûu/sûu/mantêer/mantêendo/ enpâada/víyr/sancristâa/campâa/víyr/víido/gâardes/ mannâa/toledâa/Solarâa/ açâa/sâasse/humâa/canpâa/ româa/cizillâa/jusâa/coirmâa/âa/certâa/antivâa/ quintâa/ esterliis/ciisa/gâar/gâada/grâa/grâada/grâado/ grâadeces/mâa/lâa/ râa/perdôou
ão/ãos	româos/crischão/crischâos/mâ'/mão/mâos/yrmão/irmâo/ irmâos/vilão/ sâo/sâos/Juyão/perssiâos/chão/louçâo/ louçâos/vâos/certâo/certâos/pagão/ pagâos/aldeão/ Rodão/Estevão/cão
ões	sazôes/sôes/felôes/razôes/varôes/dôes/trôes/leôes/ crischôes/vilôes/torvôes/ demôes/coraçôes/ladrôes/ oraçôes/prijôes/visôes/torçillôes/bastôes/pipiôes/ peôes/ quinnôes/lijôes/entençôes/gualardôes/dragôes/carvôes/ tiçôes/grinôes/ religiôes/ocajôes/tentaçôes/leytôes/ cabrôes/compannôes/raçôes/pregôes/ ofreçôes

Fonte: Elaboração própria

Quadro 2 – Palavras com vogais e ditongos com til nas cantigas profanas

Vogais e ditongos com til	Palavra em Lopes e Ferreira et al. (2011-)
ã	afã/alermã
ẽ	mẽor/nẽum/vẽo/pẽad'
ĩ	louvamãares
õ	bõa/bõas/sões/dõado/põer/perdõardes/razõar/nõn/nõn'/ cõn'
ũ	ũa/ũas/algõa
Sequência de vogais iguais	ũũ/bõo/sõo/têer/têedes/mãao/acõomiasse
ão/ãos	mão/foão/livão/certão/tavão/temporão/não/aldeiãos/ vilão
ões	prijões/corações/infanções/cochões/granhões/cabrôes/ arções/ verrões/galiões/cordões/colhões/zevrões/ nadiões/sazões/ criações

Fonte: Elaboração própria

Para analisarmos a nasalidade das palavras presentes nos quadros 1 e 2, este trabalho irá recorrer à etimologia, a fim de tentar desvendar a origem do traço nasal das vogais e dos ditongos da língua registrada nas cantigas. Como exposto anteriormente, o processo de assimilação da nasalidade ocorre quando há um compartilhamento do traço nasal entre sílabas vizinhas. Logo, neste artigo, consideramos que a nasalidade de tais elementos do português trovadoresco provém, muito possivelmente, de elementos nasais que estavam nas imediações e que, por vários motivos, podem ter desaparecido enquanto consoantes. Acerca da nasalidade referente à vogal <ã>, construímos o quadro que se segue:

Quadro 3 – Etimologia das palavras com vogal nasal <ã>

ã		
Palavra e significado (de acordo com Mettmann, 1972, e com Lopes e Ferreira et al., 2011-).	Etimologia	Referências
gãou/gãemos (flexões do verbo gãar - ganhar)	Essas formas provêm, provavelmente, do verbo gótico <i>ganan</i> , irmão do escandinavo antigo <i>gana</i> (que significava <i>abrir a boca</i>); o significado do verbo <i>gãar</i> do português antigo vem do germânico <i>waidanjan</i> .	Corominas, 1987[1961], p. 290.
estrãya/estrãyo (adjetivo estranha/estranho)	Do latim <i>extraneu/straneu</i> .	Nascentes, 1955, p. 200; Nunes, 1970, p. 429.

<i>eāyo</i> (adjetivo <i>vaidoso</i>)	Do latim <i>inaniu/inanis</i> .	Nunes, 1970, p. 427.
<i>sāou</i> (flexão do verbo <i>sāar - sarar</i>)	Do latim <i>sanare</i> .	Nascentes, 1955, p. 456.
<i>māefesto</i> (adjetivo <i>maenfesto - manifesto</i>)	Do latim <i>manifestu</i> .	Nascentes, 1955, p. 315.
<i>māefestou</i> (flexão do verbo <i>maenfestar - manifestar</i>)	Do latim <i>manifestu</i> .	Nascentes, 1955, p. 315.
<i>sāydad'/sāydade</i> (substantivo <i>saúde</i>)	Do latim <i>sanitas (sanidade)/sanu (sāo)</i> .	Nascentes, 1955, p. 457; Nunes, 1970, p. 446.
<i>vāydade</i> (substantivo <i>vaidade</i>)	Do latim <i>vanitate</i> .	Nascentes, 1955, p. 518.
<i>esvāeceu</i> (flexão do verbo <i>desvanecer-se - desaparecer</i>)	Do latim <i>evanescere</i> .	Nascentes, 1955, p. 202.
<i>afā</i> (substantivo <i>afan - ânsia/trabalho/fadiga/tormento</i>)	Para Nascentes e Nunes, tem origem incerta/obscura. Para Corominas, <i>afanar</i> (que teria derivado <i>afan</i>) tem origem no verbo <i>affannare</i> do latim vulgar, de origem incerta, provavelmente derivado do latim vulgar <i>afannaē</i> .	Nascentes, 1955, p. 10; Corominas, 1987[1961], p. 29; Nunes, 1970, p. 416.
<i>alermā</i> (substantivo <i>ruda silvestre, planta de odor desagradável</i>)	De <i>alerman</i> .	Lopes e Ferreira et al., 2011-.

Fonte: adaptado de Nascentes (1955); Corominas (1987 [1961]); Nunes (1970); Mettmann (1972); Lopes e Ferreira et al. (2011-)

Em relação às palavras grafadas com vogal nasal <â>, tem-se que todas as ocorrências de nasalização vêm de uma consoante nasal que estava nas imediações na origem do vocábulo ou em algum ponto de sua constituição. Como demonstrado no quadro 3, os termos listados apresentavam, anteriormente, uma consoante nasal *n* na sílaba seguinte em que, na escrita das cantigas, localiza-se o sinal do til. Então, por exemplo, *vāydade* vem do latim *vanitate*, *sāar* vem do latim *sanare*, e assim por diante. A época arcaica do português, dessa forma, ainda conservava o traço nasal presente na origem dessas palavras, que, com o tempo, sofreram pela atuação de diferentes processos de mudança. Em alguns dados, como *gāar* e *estrāya/o*, deu-se a palatalização do traço nasal latino, originando *ganhar* e *estranya/o*. Outros resgataram a consoante *n* presente no latim e a preservaram até os dias atuais, como *māefestou/manifestou* e *esvāeceu/desvanecer*. Também houve casos em que a nasalidade ainda existente em PA se perdeu na passagem para o PB, como se observa em *vaidade*. O termo *afā* manteve sua configuração arcaica até hoje; já *eāyo* e *alermā* não sobreviveram no português brasileiro contemporâneo.

Em seguida, retratamos a etimologia das palavras escritas com <ẽ>:

Quadro 4 – Etimologia das palavras com vogal nasal <ẽ>

ẽ		
Palavra e significado (de acordo com Mettmann, 1972, e com Lopes e Ferreira et al., 2011-).	Etimologia	Referências
<i>vẽo</i> (flexão do verbo <i>vñr - vir</i>)	Do latim <i>venire</i> .	Nascentes, 1955, p. 527; Corominas, 1987[1961], p. 601; Nunes, 1970, p. 451.
<i>mẽor/mẽores</i> (adjetivo <i>menor/ menores</i>)	Do latim <i>minore</i> .	Nascentes, 1955, p. 326; Nunes, 1970, p. 437.
<i>enlumẽada</i> (particípio do verbo <i>iluminar</i>)	Do latim <i>illuminare</i> .	Nascentes, 1955, p. 273.
<i>dẽosto/dẽostou/dẽostados/ dẽostava/ dẽostavan</i> (formas do verbo <i>dẽostar - ofender</i>)	De uma forma arcaica <i>donestare</i> . Do latim <i>dehonestare</i> (<i>deshonrar/ infamar</i>), derivado de <i>honestus</i> (<i>honrado</i>).	Corominas, 1987 [1961], p. 205.
<i>avẽo</i> (flexão do verbo <i>avñr/ avir - suceder/acontecer</i>)	<i>Aveir > aveir > avír > avir.</i> Do latim <i>advenire</i> .	Nunes, 1970, p. 418.
<i>cercẽou</i> (flexão do verbo <i>cercãar - cercear/cortar</i>)	Do latim <i>circinare</i> .	Nascentes, 1955, p. 109; Corominas, 1987 [1961], p. 146.
<i>chẽa/chẽo</i> (adjetivo <i>cheia/ cheio</i>)	Do latim <i>plenu</i> .	Nascentes, 1955, p. 113.
<i>engẽoso</i> (adjetivo <i>engenhoso - inteligente</i>)	Do latim <i>ingeniu</i> (<i>engenho</i>), que pode significar <i>talento</i> ou <i>máquina</i> , dependendo do contexto.	Nascentes, 1966, p. 269.
<i>engẽos</i> (grafia possível de <i>engenno/engêyo - máquina</i>)	Do latim <i>ingeniu</i> .	Nascentes, 1955, p. 174.
<i>sẽo</i> (substantivo <i>seio</i>)	Do latim <i>senu</i> .	Nascentes, 1955, p. 463.
<i>gẽollo/gẽollos</i> (substantivo <i>joelho/joelhos</i>)	Do latim <i>genuclu</i> , diminutivo de <i>genu</i> .	Nascentes, 1955, p. 284.
<i>agẽollasse</i> (flexão do verbo <i>ajoelhar</i>)	Do latim <i>genuclu</i> , diminutivo de <i>genu</i> .	Nascentes, 1955, p. 284.
<i>allẽo</i> (adjetivo <i>alheio</i>)	Do latim <i>alienu</i> .	Nascentes, 1955, p. 19.
<i>fẽo</i> (substantivo <i>feno</i>)	Do latim <i>fenu</i> .	Nascentes, 1955, p. 213.
<i>mẽos</i> (advérbio <i>menos</i>)	Do latim <i>minus</i> .	Nascentes, 1955, p. 327; Corominas, 1987 [1961], p. 391.

<i>tēuda/tēudo</i> (particípio do verbo <i>teer - ter</i>)	Do latim <i>tenutu</i> . Já o verbo <i>teer</i> provém do latim <i>tenere</i> .	Nascentes, 1955, p. 494; Nunes, 1970, p. 449.
<i>amēaçou</i> (flexão do verbo <i>ameaçar</i>)	<i>Ameaça</i> vem do latim <i>minacia</i> .	Nascentes, 1955, p. 25; Corominas, 1987[1961], p. 48.
<i>alumēado/alumēou/alumēava</i> (formas do verbo <i>iluminar</i>)	Do latim <i>illuminare</i> .	Nascentes, 1955, p. 23; Nunes, 1970, p. 416.
<i>amercēar/amercēasse</i> (formas do verbo <i>ter pena/apiedar-se/ perdoar</i>)	<i>A + mercē + ar.</i>	Houaiss <i>on-line</i> .
<i>terrēal</i> (adjetivo <i>terrenal/ terreno</i>)	Do latim <i>terrenus</i> (<i>terrenal/ terreno</i>).	Corominas, 1987[1961], p. 567.
<i>amēude</i> (locução adverbial)	Do latim <i>adminutim</i> .	Nascentes, 1955, p. 26.
<i>pēa/pēas</i> (substantivo <i>pena/ penas</i>)	Do latim <i>poena</i> .	Nascentes, 1955, p. 389; Corominas, 1987[1961], p. 449; Nunes, 1970, p. 441.
<i>Luçēa</i>	De <i>Lucena</i> , nome próprio.	Mettmann, 1972, p. 177.
<i>cadēa</i> (substantivo <i>cadeia</i>)	Do latim <i>catena</i> .	Nascentes, 1955, p. 86; Corominas, 1987[1961], p. 116.
<i>cadēados</i> (substantivo <i>cadeados</i>)	Do latim <i>catenatu</i> .	Nascentes, 1966, p. 127.
<i>cēar</i> (verbo <i>cear</i>)	Do latim <i>caenare</i> .	Nascentes, 1955, p. 105.
<i>nēum</i> (pronome <i>nengun - nenhum</i>)	Para Nascentes (1955) e Nunes, do latim <i>necunu</i> . Para Nascentes (1966), de <i>nem + um</i> .	Nascentes, 1955, p. 352; Nascentes, 1966, p. 513; Nunes, 1970, p. 438.
<i>pēad'</i> (particípio de <i>pena - penada/penado</i>)	Do latim <i>poena</i> .	Nascentes, 1955, p. 389; Corominas, 1987[1961], p. 449; Nunes, 1970, p. 441.

Fonte: adaptado de Nascentes (1955); Corominas (1987[1961]); Nunes (1970); Mettmann (1972); Lopes e Ferreira *et al.* (2011-); Houaiss *on-line*

Assim como ocorreu nos vocábulos com vogais nasais <â>, várias das palavras com <ē> são o resultado da queda da consoante intervocálica nasal <n> do latim. Com o desaparecimento desse segmento, o traço de nasalidade foi transferido para a vogal precedente, como apresentado por meio do quadro 4. Tal fato foi constatado na grande maioria das palavras listadas no referido quadro, com exceção de *amercēar*, que se singulariza por expressar uma outra origem. A palavra em questão não foi localizada em nenhum dos dicionários etimológicos consultados. Houaiss (2009), por sua vez, apresenta a etimologia do termo como sendo *a + mercē + ar*. Tal descrição, contudo,

não apresenta o traço nasal presente em *amercēar*. Ao analisarmos o contexto em que tal palavra aparece na CSM 93, temos:

(5)

*E ali estando, fillou-ss' a dizer
ben mil Ave Marias por fazer prazer
aa Madre de Deus, por que quisess' aver
doo a piedad' e del **amercēar**.
Nulla enfermidade non é de sāar
grav', u a piedade da Virgen chegar.*

Fonte: Mettmann (1986, p. 287, grifo próprio)

Amerecēar está rimando com *sāar* na estrofe transcrita anteriormente, em (5). *Sāar*, como veremos mais adiante, vem do latim *sanare* (*sanar*). Logo, a nasalidade presente na forma latina (representada pela consoante intervocálica *n*) passou a figurar acima da vogal da primeira sílaba da palavra (*sāar*), conservando o traço nasal após a queda da consoante *n*. Embora a origem do termo *amercēar* seja de difícil reconstrução, pode-se considerar que, em algum momento de sua constituição, teria existido uma consoante nasal que, ao desaparecer, transferiu sua nasalidade para a vogal *e*.

Sobre as palavras grafadas com as vogais <í> ou <ŷ>, elaboramos o quadro 5:

Quadro 5 – Etimologia das palavras com vogal nasal <í/ŷ>

í/ŷ		
Palavra e significado (de acordo com Mettmann, 1972, e com Lopes e Ferreira <i>et al.</i> , 2011-).	Etimologia	Referências
<i>reŷa/reŷas</i> (substantivo <i>rainha/ rainhas</i>)	Do latim <i>regina</i> .	Nascentes, 1955, p. 432.
<i>menŷo/menŷ'/menŷos/menŷ'/ menŷo/ menŷa</i> (<i>meninno/meninna - menino/menina</i>)	Origem incerta. Alguns pesquisadores acreditam que veio do latim <i>minimu</i> . A Academia Espanhola deriva do latim <i>meninu</i> , que teria vindo do latim <i>minor</i> .	Nascentes, 1955, p. 326.
<i>judeucŷo</i> (substantivo <i>judeuzinho</i>)	- <i>inho</i> : sufixo de diminutivo.	Mettmann, 1972, p. 167.
<i>marŷeiro/marŷeiro/marŷeiros</i> (substantivo <i>marinheiro/ marinheiros</i>)	Do latim <i>marina</i> (<i>marinha</i>).	Nascentes, 1955, p. 318.
<i>agŷa/agŷia</i> (advérbio <i>aginna - depressa/cedo/com facilidade/ de leve</i>)	Origem incerta. <i>Aginha ~ asinha</i> .	Houaiss <i>on-line</i> .

<i>mesqŷa/mesqŷo/mesqŷos</i> (adjetivo <i>mesquinho/mesquinhos</i> - <i>pobre/miserável</i>)	Do árabe <i>miskin</i> .	Nascentes, 1955, p. 329.
<i>camŷ’/camŷo/camŷos</i> (substantivo <i>caminho - caminho/</i> <i>caminhos</i>)	Do latim <i>caminu/camminu</i> (origem céltica).	Nascentes, 1955, p. 92; Corominas, 1987[1961], p. 123; Nunes, 1970, p. 420.
<i>meirŷo</i> (substantivo <i>meirinho -</i> <i>oficial de justiça</i>)	Do latim <i>majorinu</i> .	Nascentes, 1955, p. 324.
<i>meezŷa/meezŷas</i> (substantivo <i>meezina/meezinhas - remédio</i>)	Do latim <i>medicina</i> .	Corominas, 1987 [1961], p. 388; Nunes, 1970, p. 436.
<i>vŷ’/vŷo/vŷan</i> (flexões do verbo <i>vŷr - vir</i>)	Do latim <i>venire</i> .	Nascentes, 1955, p. 527; Corominas, 1987[1961], p. 601; Nunes, 1970, p. 451.
<i>devŷador</i> (substantivo <i>adivinho</i>)	Do latim <i>divinare</i> (<i>adivinar</i>).	Nascentes, 1955, p. 9.
<i>manŷa</i> (adjetivo <i>maninha -</i> <i>estéril</i>)	Do latim <i>manninu</i> , derivado de <i>mannus</i> .	Nascentes, 1955, p. 315.
<i>Archetecrŷo</i> (<i>mordomo de</i> <i>Cristo</i>)	<i>Archi-</i> (prefixo latino que significa <i>estar no comando/ser</i> <i>o chefe</i>). Segundo Mettmann, <i>Archetecrŷo</i> seria o mesmo que <i>architriclinus</i> .	Corominas, 1987[1961], p. 60; Mettmann, 1972, p. 26.
<i>vezŷo/vezŷos</i> (substantivo <i>vezinno - vizinho/vizinhos</i>)	Do latim <i>vicinu</i> .	Nascentes, 1955, p. 528; Nunes, 1970, p. 451.
<i>tonelcŷo</i> (substantivo <i>tonelzinho</i> - <i>tonel pequeno</i>)	<i>-inho</i> : sufixo de diminutivo.	Mettmann, 1972, p. 304.
<i>dŷeyro/dŷeiro/dŷeiros/dŷeiros</i> (substantivo <i>dinheiro - dinheiro/</i> <i>dinheiros</i>)	Segundo Nascentes, <i>dinheiro</i> viria do latim <i>dinariu</i> por <i>denariu</i> . Para Corominas, <i>dinero</i> viria do latim <i>denarius</i> .	Nascentes, 1955, p. 159; Corominas, 1987[1961], p. 215.
<i>lŷo</i> (substantivo <i>linno - linho</i>)	Do latim <i>linu</i> .	Nascentes, 1955, p. 300.
<i>festŷo</i> (advérbio <i>festinno -</i> <i>depressa</i>)	Do latim <i>festinus</i> .	Houaiss <i>on-line</i> .
<i>armŷo</i> (substantivo <i>arminho</i>)	Do latim <i>armenio/armenium</i> .	Nascentes, 1955, p. 43; Nunes, 1970, p. 417.

<i>tīa</i> (substantivo <i>tina</i>)	Do latim <i>tina</i> .	Nascentes, 1955, p. 495.
<i>vŷudas/vŷudo</i> (particípio do verbo <i>vŷr - vir</i>)	Do latim <i>venire</i> .	Nascentes, 1955, p. 527; Corominas, 1987[1961], p. 601; Nunes, 1970, p. 451.
<i>ordŷados/ordŷados</i> (adjetivo <i>ordinnado/ordinnados - ordenado/posto em ordem</i>)	Do latim <i>ordinare</i> (<i>ordenhar</i>).	Nascentes, 1955, p. 366.
<i>amŷude</i> (locução adverbial)	Do latim <i>adminutim</i> .	Nascentes, 1955, p. 26.
<i>pīal</i> (substantivo <i>pinhal</i>)	Do latim <i>pinea</i> (<i>pinha</i>).	Nascentes, 1955, p. 399.
<i>mŷudos</i> (adjetivo)	Do latim <i>minutu</i> .	Nascentes, 1955, p. 337.
<i>pequenīa/pequenŷos</i> (adjetivo <i>pequenino - pequeninho/ pequeninhos</i>)	<i>-inho</i> : sufixo de diminutivo.	Mettmann, 1972, p. 229.
<i>Espyā</i> (<i>Nuestra Señora de la Espina</i>)	<i>Espina</i> vem do latim <i>spina</i> (<i>espinha</i>).	Nascentes, 1955, p. 191; Corominas, 1987[1961], p. 250.
<i>louçayā</i> (substantivo <i>arrogância</i>)	Forma gráfica de <i>louçainha</i> . Do latim <i>lautianu</i> (<i>loução</i>).	Nascentes, 1955, p. 304; Houaiss on-line.
<i>ledanīa</i> (substantivo <i>ladainha</i>)	Do latim <i>litania</i> .	Nascentes, 1955, p. 287.
<i>caavrŷa</i> (substantivo <i>cadáver</i>)	Diminutivo de <i>caveira</i> : <i>caveirinha</i> . Do latim <i>calvaria</i> . Depois, <i>calavaria</i> , com sinopse do <i>l</i> : <i>caaveira</i> .	Nascentes, 1966, p. 161.
<i>taulīa</i> (substantivo)	Forma gráfica de <i>taulinha</i> . Mettmann levanta a hipótese de consistir em uma <i>mesa onde se come</i> . Seria, assim, uma <i>tabuinha</i> , diminutivo de <i>tábua</i> .	Mettmann, 1972, p. 296.
<i>andoryā</i> (substantivo <i>andorinha</i>)	De um diminutivo <i>hirundina</i> , do latim <i>hirundo</i> . Espanhol: <i>andorina</i> .	Nascentes, 1955, p. 30.
<i>Catalŷa</i> (<i>Catarina</i>)	De <i>Santa Catelinna</i> (<i>Catarina</i>).	Mettmann, 1972, p. 56.
<i>canpâya</i> (substantivo <i>campanīa/ campainna - campainha</i>)	Diminutivo de <i>campâa</i> , do latim <i>campana</i> .	Nascentes, 1955, p. 92; Nunes, 1970, p. 420.

<i>madodíā</i> (adjetivo <i>madodinho</i> - <i>matutino</i>)	Do latim <i>matutinu</i> .	Nascentes, 1955, p. 322.
<i>fremosŷo</i> (adjetivo <i>fremosinno</i> - <i>fremosinho</i>)	<i>-inho</i> : sufixo de diminutivo.	Mettmann, 1972, p. 151.
<i>louvamĩares</i> (<i>adulações</i>)	De <i>louvaminhas</i> .	Lopes e Ferreira et al., 2011.

Fonte: adaptado de Nascentes (1955); Corominas (1987 [1961]); Nunes (1970); Mettmann (1972); Lopes e Ferreira et al. (2011-); Houaiss on-line

Em relação aos casos exibidos no quadro 5, tem-se que a transferência da nasalidade em razão do desaparecimento, em um momento anterior, do elemento intervocálico *-n-* segue sendo o fenômeno predominante. É importante pontuar que algumas das palavras com *<i>* ou *<ŷ>* estão no diminutivo. Segundo Abreu (2012, p. 59), para o sufixo diminutivo no ancestral medieval do português, o som /i/ era representado por *<y>* em *-ynno* e *-ŷo* e por *<i>* em *-inno* e *-iõ*. Dessa forma, em PA havia, segundo a pesquisadora, letras diferentes sendo usadas para representar graficamente o mesmo som e, portanto, quatro grafias distintas para o sufixo *-inho*.¹⁰ O som /j/ do referido sufixo, assim sendo, era representado, naquela época, por *<nn/nh>* ou por um til colocado sobre as vogais *<i>* ou *<y>* anteriores.

A terminação *-iõ/-ŷo* não aparecia apenas em diminutivos da língua da Idade Média. Por exemplo, segundo Mettmann (1972, p. 191), *menõ/menŷo* são só algumas das escritas possíveis da palavra *menino* em português medieval. Esse termo, proveniente do latim *minimu* ou *meninu*, como mostrado no quadro 5, apresentava muitas representações gráficas naquela época, a saber: *meninno*, *mininno*, *menino*, *menyno*, *menõ*, *minõ*, *menŷo*, *minŷo*, *menŷno*. Essas representações variavam, inclusive, dentro da mesma cantiga no interior do mesmo códice. A seguir, retratamos as representações escritas da palavra *menino* localizadas no cancioneiro T. Todos os casos foram retirados de uma mesma composição poética (CSM 53).

Figura 2 – Representações gráficas de *menino* na CSM 53



Fonte: Microfilme do códice Escorial Rico, cedido pela Biblioteca do Mosteiro de El Escorial. O microfilme em questão pertence ao arquivo do grupo de pesquisa “Fonologia do Português: Arcaico & Brasileiro”

¹⁰ Cabe pontuar que a consonante nasal palatal /j/, representada na escrita do PB atual como *<nh>*, podia ser grafada de dois modos: *<nn>* ou *<nh>*. A forma *<nn>* aparece predominantemente nas CSM. Já nas obras profanas, *<nn>* aparece mais no CA (mais antigo, assim como as CSM); o CBN e o CV apresentam ambas as grafias.

Acerca da vogal nasal <õ>, foram apuradas as seguintes ocorrências:

Quadro 6 – Etimologia das palavras com vogal nasal <õ>

õ		
Palavra e significado (de acordo com Mettmann, 1972, e com Lopes e Ferreira et al., 2011-).	Etimologia	Referências
<i>bõa/bôas</i>	Do latim <i>bona</i> .	Nunes, 1970, p. 419.
<i>razõa/razõar/rezõar/rezõava/ rezõamos/rezõaron</i> (formas do verbo <i>considerar/ponderar</i>)	Do latim <i>ratione</i> (<i>razão</i>).	Nascentes, 1955, p. 435; Nunes, 1970, p. 445.
<i>razõador</i> (substantivo <i>advogado</i>)	Do latim <i>ratione</i> (<i>razão</i>).	Nascentes, 1955, p. 435; Nunes, 1970, p. 445.
<i>razõado/rezõado</i> (adjetivo <i>inteligente/que tem boas razões/argumentos eficazes</i>)	Do latim <i>ratione</i> (<i>razão</i>).	Nascentes, 1955, p. 435; Nunes, 1970, p. 445.
<i>corõa/corõar/corõada</i> (<i>coroa/coroar/coroada</i>)	Do latim <i>corona</i> , de origem grega.	Nascentes, 1955, p. 137.
<i>dõa/dôas</i> (substantivo <i>presente/donativo</i> ; no plural significa <i>alfaias/joias</i>)	Para Nascentes, <i>dõa</i> vem do latim <i>donare</i> (<i>presentear</i>). Já para Nunes, <i>dõa</i> vem do latim <i>dona</i> (<i>oferta/presente/dom</i>).	Nascentes, 1955, p. 162; Nunes, 1970, p. 426.
<i>dôado</i> (en <i>dôado</i> : <i>de graça/em vão/debalde</i>)	Do latim <i>donatu</i> .	Nunes, 1970, p. 426.
<i>perdõa/perdõar/perdõado/ perdõados/perdõav'/ perdôardes</i> (formas do verbo <i>perdoar</i>)	Do latim <i>perdonaret</i> .	Nunes, 1970, p. 441.
<i>galardõado</i> (do verbo <i>galardõar - recompensar; galardon: recompensa</i>)	Do germânico <i>widarlon</i> (<i>galardão</i>). Baixo latim: <i>widerdonu</i> . Em românico antigo, <i>guedarlaun</i> se transformou em <i>guelardaun</i> , de que veio a forma castelhana.	Nascentes, 1955, p. 233; Corominas, 1987 [1961], p. 287-288.
<i>apõer</i> (verbo <i>atribuir/imputar</i>)	Do latim <i>apponere</i> , por via semierudita.	Nascentes, 1966, p. 55.
<i>põer/põede/põend'</i> (formas do verbo <i>pôr/colocar</i>)	Do latim <i>ponere</i> .	Nascentes, 1955, p. 410.
<i>mõestir'/mõesteiro/ mõesteiros/ mõesteyro/ mõestamento</i> (do substantivo <i>mosteiro/mosteiros</i>)	Do grego eclesiástico <i>monastérion</i> pelo latim <i>monasteriu</i> .	Nascentes, 1955, p. 344.

<i>sôa/sôadas</i> (formas do verbo <i>sôar</i>)	Do latim <i>sonare</i> .	Nascentes, 1955, p. 473.
<i>pessôa</i> (substantivo <i>pessoa</i>)	Do latim <i>persona</i> .	Nascentes, 1955, p. 395.
<i>compôer</i> (verbo <i>compor/fazer/executar</i>)	Do latim <i>componcre</i> .	Nascentes, 1955, p. 130.
<i>apregôa/apregôar/pregôando</i> (formas do verbo <i>apregoar</i>)	Do latim <i>pregonero</i> .	Corominas, 1987 [1961], p. 473.
<i>nôa</i> (substantivo <i>noa/hora nona/hora do ofício divino</i>)	Do latim <i>nona</i> .	Nascentes, 1955, p. 355.
<i>Lisbôa (Lisboa)</i>	<i>Lisboa</i> vem de <i>Olissipona</i> .	Houaiss <i>on-line</i> .
<i>ladrôa</i> (substantivo <i>ladra</i>)	Feminino de <i>ladrão</i> , do latim <i>latrone</i> .	Nascentes, 1955, p. 288.
<i>padrôa</i> (substantivo <i>padroeira</i>)	Do latim <i>patronus/patrono</i> .	Nascentes, 1955, p. 373.
<i>borôa</i> (substantivo <i>broa</i>)	Do céltico <i>bron</i> . Espanhol: <i>borona</i> .	Nascentes, 1955, p. 79.
<i>leôa</i> (substantivo <i>leoa</i>)	Feminino de <i>leão</i> , do latim <i>leone</i> , de origem grega.	Nascentes, 1955, p. 293.
<i>infançôa</i> (substantivo <i>fidalga</i>)	Feminino de <i>infanção</i> , do latim <i>infantione</i> .	Nascentes, 1955, p. 276.
<i>abaldôa</i> (forma do verbo <i>abandonar</i>)	Do germânico <i>bandon</i> .	Nascentes, 1955, p. 2.
<i>varôa</i> (substantivo <i>mulher</i>)	Feminino de <i>varão (varon)</i> , que seria uma alteração de <i>barão</i> . Do antigo alemão <i>bairon</i> .	Nascentes, 1955, p. 520.
<i>sermôar</i> (de <i>sermão</i> ; verbo <i>pregar</i>)	Do latim <i>sermone (sermão)</i> .	Nascentes, 1955, p. 465; Corominas, 1987[1961], p. 532.
<i>nôñ</i> (advérbio <i>não</i>)	Do latim <i>non</i> .	Nascentes, 1955, p. 349; Nunes, 1970, p. 438.
<i>nôñ'</i> (de <i>nono</i> , forma do advérbio <i>não</i>)	Do latim <i>non</i> .	Nascentes, 1955, p. 349; Nunes, 1970, p. 438.
<i>côñ'</i> (<i>cono/cona = con + artigo definido</i>)	Do latim <i>cum (com)</i> .	Nascentes, 1955, p. 128.

Fonte: adaptado de Nascentes (1955); Corominas (1987 [1961]); Nunes (1970); Mettmann (1972); Lopes e Ferreira *et al.* (2011); Houaiss *on-line*

Assim como nos demais quadros, o quadro 6 expõe que a nasalidade das vogais do PA (expressa graficamente por meio do til) vem da origem desses termos, que, no passado, perderam a consoante intervocálica nasal *-n-*. Um fato interessante acerca dos dados listados no quadro 6 é que muitas dessas palavras são substantivos femininos que, na etapa medieval, ainda não tinham perdido o traço nasal. *Ladrôa*, *leôa* e *varôa*, no

PA, mantinham a nasalidade presente nos termos correspondentes masculinos: *ladão*, *leão* e *varão*. Com o tempo, tais palavras perderam o traço nasal da forma masculina, uma vez que, em português, hoje em dia, temos as grafias *ladroa* (ou *ladra*), *leoa* e *varoa* para as respectivas palavras. O substantivo *infançoa*, feminino de *infanção*, por sua vez, conservou a nasalidade por meio de uma nasal *-n-* intervocálica, no entanto, a grafia *infançona* aparece em pouquíssimos dicionários e é pouco empregada em PB. Para tal vocábulo, usa-se a palavra *fidalga*, sem traços de nasalidade.

A respeito da vogal <ũ>, investigamos os dados listados no quadro 7:

Quadro 7 – Etimologia das palavras com vogal nasal <ũ>

ú		
Palavra e significado (de acordo com Mettmann, 1972, e com Lopes e Ferreira et al., 2011-).	Etimologia	Referências
<i>hú/a/húas/hú'/ú'/ú/a/úas</i> (uma/umas)	Do latim <i>una</i> .	Nascentes, 1955, p. 514; Corominas, 1987 [1961], p. 593; Nunes, 1970, p. 450.
<i>dú'/dúa</i> (grafias de <i>dun</i> = <i>de + un/um</i>)	Do latim <i>unu (um)</i> .	Nascentes, 1955, p. 514; Corominas, 1987 [1961], p. 593; Nunes, 1970, p. 450.
<i>algú/a/algúas</i> (pronome <i>alguma/algumas</i>)	Do latim <i>aliqu'unu/alicunu</i> .	Nascentes, 1955, p. 19; Corominas, 1987[1961], p. 41; Nunes, 1970, p. 416.
<i>assúada/assúados</i> (adjetivo <i>reunido/</i> <i>ajuntado</i>)	Do latim <i>ad + sub + unare</i> (de <i>unu</i>).	Nascentes, 1955, p. 49; Nunes, 1970, p. 448.
<i>assúara</i> (flexão do verbo <i>assúar</i> - <i>ajuntar/</i> <i>reunir/congregar</i>)	Do latim <i>ad + sub + unare</i> (de <i>unu</i>).	Nascentes, 1955, p. 49; Nunes, 1970, p. 448.
<i>gejúar/jejúar/jajúado</i> (formas do verbo <i>jejúar</i>)	Do latim <i>jejunu (jejum)</i> .	Nascentes, 1955, p. 284; Nunes, 1970, p. 433.
<i>ningú/a/ni-hú</i> (pronome <i>nenhuma</i>)	Para Nascentes (1955) e Nunes, do latim <i>necunu</i> . Para Nascentes (1966), de <i>nem + um</i> .	Nascentes, 1955, p. 352; Nascentes, 1966, p. 513; Nunes, 1970, p. 438.
<i>azcúia</i> (substantivo <i>venáculo/pequena</i> <i>lança</i>)	<i>Azcona</i> . No Vasco, tem-se <i>askon</i> . Origem incerta, provavelmente de origem vasca, em que a variante <i>aucona</i> já se encontrava no século XII.	Corominas, 1987 [1961], p. 76.

<i>descomūal</i> (adjetivo <i>descomunal</i> , que significa <i>anormal</i>)	Grafia de <i>descomunal</i> .	Mettmann, 1972, p. 98.
---	-------------------------------	------------------------

Fonte: adaptado de Nascentes (1955); Corominas (1987[1961]); Nunes (1970); Mettmann (1972); Lopes e Ferreira *et al.* (2011-)

O quadro 7 expõe, outra vez, o que Camara Jr. (1979 [1975], p. 63) postulou: a nasalidade observada nas palavras coletadas nas 250 cantigas medievais galego-portuguesas que compõem nosso *corpus* (representada por meio de um til sobre uma vogal) correspondia a uma abreviatura “do *n* de que lançavam mão os copistas medievais”. Essa consoante *n*, conforme demonstramos, estava, na verdade, na origem dos vocábulos, geralmente latina.

Em relação aos casos com duas vogais iguais seguidas, em que uma delas apresenta uma marca de til, construimos o quadro 8:

Quadro 8 – Etimologia das palavras com sequência de vogais iguais

Sequência de vogais iguais		
Palavra e significado (de acordo com Mettmann, 1972, e com Lopes e Ferreira <i>et al.</i> , 2011-).	Etimologia	Referências
<i>ūu/ūus/hūus</i> (<i>um/uns</i>)	Do latim <i>unu</i> (<i>um</i>).	Nascentes, 1955, p. 514; Corominas, 1987 [1961], p. 593; Nunes, 1970, p. 450.
<i>dūu/dūus</i> (grafias de <i>dun = de + un/um</i>)	Do latim <i>unu</i> (<i>um</i>).	Nascentes, 1955, p. 514; Corominas, 1987 [1961], p. 593; Nunes, 1970, p. 450.
<i>bōo/bōos</i> (adjetivo <i>bom/bons</i>)	Do latim <i>bonu</i> .	Nascentes, 1955, p. 74.
<i>bēes</i> (advérbio <i>bem</i>)	Do latim <i>bene</i> .	Nascentes, 1955, p. 67; Nunes, 1970, p. 419.
<i>niūu/nengūu</i> (pronome <i>nenhum</i>)	Para Nascentes (1955) e Nunes, do latim <i>necunu</i> . Para Nascentes (1966), de <i>nem + um</i> .	Nascentes, 1955, p. 352; Nascentes, 1966, p. 513; Nunes, 1970, p. 438.
<i>sōo</i> (substantivo <i>som</i>)	Do latim <i>sonu</i> .	Nascentes, 1955, p. 476.
<i>algūus</i> (pronome <i>alguns</i>)	Do latim <i>aliqu'unu/ alicunu</i> .	Nascentes, 1955, p. 19; Corominas, 1987 [1961], p. 41; Nunes, 1970, p. 416.
<i>bēeyta/bēeita/bēeit'/bēeitos</i> (adjetivo <i>bento/benta/bentos/bentas</i>)	Do latim <i>benedictu</i> .	Nascentes, 1955, p. 68; Nunes, 1970, p. 419.
<i>bēeizia/bēeizer</i> (formas do verbo <i>benzer</i>)	Do latim <i>benedicere</i> .	Nascentes, 1955, p. 68; Nunes, 1970, p. 419.

<i>vīr/vīta/vēeron/vēera/vēes/vēeran/vēessen/vēess'/vīian/vēen/vīndo/vīsti/vīyr/vīyir/vīdo/vīda/vēestes</i> (flexões do verbo <i>vīr</i> - <i>vir</i>)	Do latim <i>venire</i> .	Nascentes, 1955, p. 527; Corominas, 1987 [1961], p. 601; Nunes, 1970, p. 451.
<i>avēera/avīr</i> (formas do verbo <i>avīr</i> - <i>suceder/acontecer</i>)	Do latim <i>advenire</i> .	Nascentes, 1955, p. 55.
<i>atēen/atēes</i> (preposição <i>ate en</i>)	Do latim <i>tenus</i> . Forma intermediária <i>ad tenes</i> , que deu origem à forma arcaica.	Nascentes, 1955, p. 51; Nunes, 1970, p. 418.
<i>virgēes</i> (substantivo <i>virgen</i> - <i>virgem</i>)	Do latim <i>virgine</i> .	Nascentes, 1955, p. 527; Corominas, 1987 [1961], p. 608; Nunes, 1970, p. 452.
<i>virgūdade/virgūdad'</i> (<i>virgindade</i>)	Do latim <i>virgine</i> .	Nascentes, 1955, p. 527; Corominas, 1987 [1961], p. 608; Nunes, 1970, p. 452.
<i>humāa</i> (feminino de <i>humāo</i> - <i>humano</i>)	Do latim <i>humanu</i> .	Nascentes, 1955, p. 269.
<i>romāa</i> (feminino do adjetivo <i>romāo</i> - <i>romano</i>)	Do latim <i>romanu/romanus</i> .	Nascentes, 1955, p. 447; Corominas, 1987 [1961], p. 512.
<i>çizillāa</i> (feminino do adjetivo <i>cizillāo</i> - <i>siciliano</i>)	De <i>Sicília</i> + sufixo <i>ano</i> .	Nascentes, 1966, p. 687.
<i>jusāa</i> (feminino de <i>jusāo</i> , adjetivo que significa <i>de baixo, inferior</i>)	Do latim <i>deorsum</i> , em b. latim <i>jusum</i> .	Nascentes, 1955, p. 286.
<i>coirmāa</i> (substantivo = <i>co</i> + <i>irmāa</i> , feminino de <i>irmāo</i>)	Do latim <i>germanu</i> (<i>irmāo</i>).	Nascentes, 1955, p. 280.
<i>āa</i> (interjeição)	Contexto de ocorrência: <i>que non dissesse “āa”</i> .	Mettmann, 1972, p. 2.
<i>çertāa</i> (feminino de <i>certāo</i> - <i>certo/seguro</i>)	Do latim <i>certanu</i> .	Nunes, 1970, p. 421.
<i>antivāa</i> (substantivo <i>antifona</i> / <i>cântico</i>)	Do grego <i>antiphonéo</i> , pelo latim eclesiástico <i>antiphona</i> .	Nascentes, 1955, p. 35.
<i>quintāa</i> (substantivo <i>quinta</i>)	Do latim <i>quintana</i> .	Nascentes, 1955, p. 429.
<i>maçāa</i> (substantivo <i>maçā</i>)	Do latim <i>mattiana</i> .	Nascentes, 1955, p. 307.
<i>crischāa</i> (feminino de <i>crischāo</i> - <i>cristão</i>)	Do latim <i>christianu</i> .	Nascentes, 1955, p. 143; Nunes, 1970, p. 423.
<i>tēer/tēe-lo/tēena/tēemos/tēedes/tēes/tīya/tīia/tīian/tīi'</i> (formas do verbo <i>teer</i> - <i>ter</i>)	Do latim <i>tenere</i> .	Nascentes, 1955, p. 491; Nunes, 1970, p. 449.

<i>sancristāa (sacristā, feminino de sancristan - sacristão)</i>	Do latim <i>sacristanu.</i>	Nascentes, 1955, p. 453.
<i>campāa/canpāa (substantivo campaniā/campainna - campainha)</i>	Do latim <i>campana.</i>	Nascentes, 1955, p. 92; Nunes, 1970, p. 420.
<i>gārdes/gāar/gāada/gāastes (formas do verbo gaannar/ gaanhar - ganhar)</i>	Do germânico <i>waidanjan.</i> Na época arcaica do português, <i>gaannar/ gaanhar/gannar/ guaannar/guannar/gāar.</i>	Nascentes, 1955, p. 325; Nunes, 1970, p. 431; Mettmann, 1972, p. 152.
<i>mannāa (manhā ou amanhā, dependendo do contexto)</i>	Do latim <i>maneana/ad maneana, de mane.</i>	Nascentes, 1955, p. 24 e 315; Nunes, 1970, p. 417 e 436.
<i>esterlīis (substantivo esterlino)</i>	Do inglês <i>sterling</i> , antes <i>easterling.</i>	Nascentes, 1955, p. 197.
<i>cīsa (substantivo cinza)</i>	Do latim <i>cinisia.</i>	Nascentes, 1955, p. 119.
<i>grāa (pano de escarlata)</i>	Do latim <i>grana</i> , plural de <i>granum.</i>	Houaiss <i>on-line.</i>
<i>grāada (substantivo granada)</i>	Do francês <i>grenade.</i>	Nascentes, 1955, p. 247.
<i>grāado (adjetivo magnificente/ generoso/liberal)</i>	Do latim <i>granatu.</i>	Nunes, 1970, p. 431.
<i>grāadeces (substantivo grandeza)</i>	Do latim <i>granatu.</i>	Nunes, 1970, p. 431.
<i>māar/māa (formas do verbo māar - manar)</i>	Do latim <i>manare.</i>	Nascentes, 1955, p. 313.
<i>lāa (substantivo lā)</i>	Do latim <i>lana.</i>	Nascentes, 1955, p. 286.
<i>rāa (substantivo rā)</i>	Do latim <i>rana.</i>	Nascentes, 1955, p. 430.
<i>perdōou (flexão do verbo perdoar)</i>	Do latim <i>perdonaret.</i>	Nunes, 1970, p. 441.
<i>toledāa (feminino de toledāo, adjetivo)</i>	De <i>toledano.</i>	Mettmann, 1972, p. 303.
<i>Solarāa</i>	Contexto: <i>Pedro de Solarāa.</i>	Mettmann, 1972, p. 227.
<i>açāa (substantivo aceno/gesto com a mão)</i>	Do grego <i>ákaina (acena).</i> Em italiano: <i>accenare (acenar).</i>	Nascentes, 1955, p. 5.
<i>cēemos (flexão do verbo cēar - ceiar)</i>	Do latim <i>caenare.</i>	Nascentes, 1955, p. 105.
<i>fīir (verbo acabar/morrer)</i>	Do latim <i>fine (fim); finitu (findo/ acabado).</i>	Nascentes, 1955, p. 216-217.
<i>ẽemigo/ẽemigos (substantivo inimigo/inimigos)</i>	Do latim <i>inimicu.</i>	Nascentes, 1955, p. 277; Nunes, 1970, p. 433.

<i>remiřir/remiřisti</i> (formas do verbo <i>remiřir - redimir</i>)	Do latim <i>redimere</i> , por via semieruditamente.	Nascentes, 1955, p. 439; Nascentes, 1966, p. 641; Nunes, 1970, p. 445.
<i>omagēes</i> (substantivo <i>omagen - imagem</i>)	Do latim <i>imagine</i> .	Nascentes, 1955, p. 273.
<i>mēesmo</i> (pronome <i>mesmo</i>)	Do latim <i>metipsimu</i> . De acordo com Mettmann, a palavra <i>mēesmo</i> apareceu grafada também como <i>menesmo</i> nos cancioneiros.	Nascentes, 1955, p. 328; Nunes, 1970, p. 436; Mettmann, 1972, p. 190.
<i>convīia</i> (flexão do verbo <i>convīir - convir</i>)	Do latim <i>convenire</i> .	Houaiss on-line.
<i>vāa</i> (<i>vā</i> , feminino do adjetivo <i>vāo</i>)	Do latim <i>vanu</i> (<i>vāo</i>).	Nascentes, 1955, p. 519.
<i>cāa</i> (<i>cā</i> , feminino de <i>cāo - cāo/encanecido/branco</i>)	Do latim <i>cane</i> (<i>cāo</i>).	Nascentes, 1955, p. 95.
<i>ssūu/sūu</i> (locução adverbial <i>de sūu - junto/juntamente</i>)	Segundo Mettmann, <i>de sūu</i> aparece grafado como <i>de suum</i> e como <i>dess huun</i> no códice Músicos; e como <i>dessuun</i> no códice Florença.	Mettmann, 1972, p. 103 e 294.
<i>mantēer/mantēendo</i> (formas do verbo <i>mantēer - manter</i>)	Do latim <i>manutener</i> .	Nascentes, 1955, p. 316; Nunes, 1970, p. 436.
<i>enpāada</i> (<i>empanada/empada</i>)	Do espanhol <i>empanada</i> .	Nascentes, 1955, p. 171.
<i>chāa</i> (<i>chā</i> , feminino de <i>chāo</i> ; substantivo <i>terreno plano</i>)	Do latim <i>planu</i> .	Nascentes, 1955, p. 112.
<i>pēedenç'/pēedença</i> (substantivo <i>penitência</i>)	Do latim <i>poenitentia</i> .	Nascentes, 1955, p. 389.
<i>louçāa</i> (feminino do adjetivo <i>louçāo - galhardo/garboso</i>)	Do latim <i>lautianu</i> .	Nascentes, 1955, p. 304.
<i>omēes</i> (substantivo <i>homens</i>)	Do latim <i>homine</i> .	Nascentes, 1955, p. 267; Nunes, 1970, p. 433.
<i>sāa</i> (<i>sā</i> , feminino do adjetivo <i>sāo</i>)	Do latim <i>sanu</i> (<i>sāo</i>).	Nascentes, 1955, p. 457; Nunes, 1970, p. 446.
<i>sāar/sāara/sāava/sāasse</i> (formas do verbo <i>sāar - sanar</i>)	Do latim <i>sanare</i> .	Nascentes, 1955, p. 456.

Fonte: adaptado de Nascentes (1955); Corominas (1987 [1961]); Nunes (1970); Mettmann (1972); Lopes e Ferreira *et al.* (2011-); Houaiss on-line

Assim como o quadro 6, o quadro 8 retrata vários substantivos femininos que, em razão do correspondente masculino, geralmente terminado em *-ão*, ainda carregavam a nasalidade em PA. Como se pode verificar no quadro 8, muitos substantivos masculinos

terminados em *-ão* da língua dos trovadores tinham a forma feminina terminada em *-ãa*, como *são/sãa*. No entanto, a terminação *-ãa* não era exclusiva das palavras femininas que apresentavam uma correspondente masculina terminada em *-ão*. Vocábulos como *lãa, rãa, quintãa e maçãa*, por exemplo, não têm um correspondente masculino, apenas a forma feminina, e trazem a nasalidade devido à origem, muitas vezes latina. Como nos outros quadros, havia uma nasal *n* intervocálica na origem desses termos, que, com o tempo, desapareceu. A grande maioria das palavras listadas no quadro 8 têm seu traço nasal proveniente justamente da queda da nasal latina *-n-*.

Dois termos do quadro 8 se diferenciam dos outros por não apresentarem, na sua origem, uma nasal intervocálica *-n-* após a vogal que, em PA, carregava um til: *remiir* e *mêesmo*. *Remiir*, atual *redimir*, vem do latim *redimere*; já *mêesmo* (*mesmo*, em PB) vem do latim *metipsimu*. Para o segundo vocáculo, Mettmann (1972, p. 190) esclarece que, nos cancioneiros arcaicos, a forma *menesmo* variava com *mêesmo*, o que explica a presença do til em *mêesmo*. Contudo, em relação à palavra *remiir*, a única variação escrita localizada nos códices foi a queda do til: *remiir* aparece como *remiir* no T. Nascentes (1955, 1966) exibe que tal termo era representado como *remiir* ou *reimir* no PA. Assim, embora reconstruir o trajeto histórico desse termo seja uma tarefa de difícil execução, haja vista a pouca documentação encontrada sobre o referido termo, pode-se entender que a nasalidade de *remiir* tenha surgido na passagem do latim para a língua falada na época dos trovadores, época em que as grafias com e sem til coexistiram.

Por fim, exibimos os quadros 9 e 10, nos quais foram listados todos os casos de *<ão/ãos>* e *<ões>*. Convém relembrar que, no período focalizado por este estudo, essas terminações ainda não eram ditongos, mas sim hiatos.

Quadro 9 – Etimologia das palavras com <ão/ãos>

ão/ãos		
Palavra e significado (de acordo com Mettmann, 1972, e com Lopes e Ferreira <i>et al.</i> , 2011-).	Etimologia	Referências
<i>romãos</i> (adjetivo <i>romanos</i>)	Do latim <i>romanu/romanus</i> .	Nascentes, 1955, p. 447; Corominas, 1987 [1961], p. 512.
<i>crischão/crischãos</i> (substantivo <i>cristão/cristãos</i>)	Do latim <i>christianu</i> .	Nascentes, 1955, p. 143; Nunes, 1970, p. 423.
<i>mã'/mão/mãos</i> (substantivo <i>mão/mãos</i>)	Do latim <i>manu</i> .	Nascentes, 1955, p. 316.
<i>yrmão/irmão/irmãos</i> (substantivo <i>irmão/irmãos</i>)	Do latim <i>germanu</i> .	Nascentes, 1955, p. 280.
<i>vilão</i> (substantivo ou adjetivo, dependendo do contexto)	Do latim <i>villanu</i> .	Nascentes, 1955, p. 526.

<i>são/sãos</i> (adjetivo)	Do latim <i>sanu</i> .	Nascentes, 1955, p. 457; Nunes, 1970, p. 446.
<i>Juyão</i>	Nome próprio.	Lopes e Ferreira <i>et al.</i> , 2011-.
<i>persiãos</i> (substantivo <i>persianos</i> , de <i>persas</i>)	<i>Persianos</i> , do latim <i>persa</i> + sufixo <i>anos</i> , por via erudita.	Nascentes, 1966, p. 575.
<i>louçao/louçãos</i> (adjetivo <i>galhardo/garbose</i>)	Do latim <i>lautianu</i> .	Nascentes, 1955, p. 304.
<i>vãos</i> (plural do adjetivo <i>vão</i>)	Do latim <i>vanu</i> .	Nascentes, 1955, p. 519.
<i>certão/certãos</i> (<i>certo/seguro</i>)	Do latim <i>certanu</i> .	Nunes, 1970, p. 421.
<i>pagão/pagãos</i> (substantivo ou adjetivo, dependendo do contexto)	Do latim <i>paganu</i> .	Nascentes, 1955, p. 373.
<i>aldeão/aldeiãos</i> (substantivo <i>aldeão/aldeãos</i>)	Do antigo <i>aldeano</i> , de <i>aldeia</i> + sufixo <i>ano</i> . <i>Aldeia</i> vem do árabe <i>addaya</i> .	Nascentes, 1955, p. 16; Nascentes, 1966, p. 26.
<i>Rodão</i>	De <i>Rodan/Ródano</i> . Nome próprio.	Mettmann, 1972, p. 267.
<i>Estevão</i>	De <i>Estevan</i> . Nome próprio.	Mettmann, 1972, p. 275.
<i>cão</i> (<i>cão/encañecido/branco</i>)	Do latim <i>cane</i> .	Nascentes, 1955, p. 95.
<i>foão</i> (de <i>foan</i> , <i>fulano</i> /individuo indeterminado)	Do latim <i>fulan</i> .	Nascentes, 1955, p. 228.
<i>tavão</i>	De <i>taban</i> . Do latim <i>tabanu</i> .	Nascentes, 1955, p. 487; Lopes e Ferreira <i>et al.</i> , 2011-.
<i>livão</i> (<i>leviano</i>)	Do latim <i>leve</i> + <i>anu</i> .	Nascentes, 1955, p. 297.
<i>temporão</i> (<i>cedo</i>)	De <i>temperán/temperána</i> . Do latim <i>tempus</i> (<i>tempo</i>).	Nascentes, 1955, p. 489.
<i>não</i> (advérbio)	Do latim <i>non</i> .	Nascentes, 1955, p. 349; Nunes, 1970, p. 438.

Fonte: adaptado de Nascentes (1955); Corominas (1987 [1961]); Nunes (1970); Mettmann (1972); Lopes e Ferreira *et al.* (2011-)

Quadro 10 – Etimologia das palavras com <ões>

ões		
Palavra e significado (de acordo com Mettmann, 1972, e com Lopes e Ferreira <i>et al.</i> , 2011-).	Etimologia	Referências
<i>infanções</i> (substantivo <i>fidalgos</i>)	Do latim <i>infantione</i> .	Nascentes, 1955, p. 276.

<i>zevões</i> (substantivo que significa <i>homem grosseiro</i>)	Plural de <i>zevron</i> ,	Lopes e Ferreira <i>et al.</i> , 2011-.
<i>nadigões</i> (substantivo aumentativo de <i>nádegas</i>)	Plural de <i>nadigon</i> .	Lopes e Ferreira <i>et al.</i> , 2011-.
<i>verrões</i> (<i>leitões</i>)	Plural de <i>verron</i> .	Lopes e Ferreira <i>et al.</i> , 2011-.
<i>arções</i> (plural de <i>arçom</i> - parte da sela)	Do latim <i>arcione</i> (<i>arção</i>), de <i>arco</i> .	Nascentes, 1955, p. 41.
<i>galiões</i> (substantivo aumentativo de <i>galo</i>)	Plural de <i>galion</i> .	Lopes e Ferreira <i>et al.</i> , 2011-.
<i>cordões</i> (plural de <i>cordon</i> - cordão)	Do francês <i>cordon</i> .	Nascentes, 1955, p. 135; Lopes e Ferreira <i>et al.</i> , 2011-.
<i>colhões</i> (plural de <i>colhon</i> / <i>colhão</i> - testículo)	Do latim <i>coleone</i> , aumentativo de <i>coleu</i> .	Nascentes, 1955, p. 127.
<i>criações</i> (plural do substantivo <i>criaçon</i> - <i>criação</i>)	Plural de <i>criaçon</i> , de <i>crianza</i> .	Corominas, 1987 [1961], p. 178; Lopes e Ferreira <i>et al.</i> , 2011-.
<i>sazões</i> (plural do substantivo <i>sazon</i> / <i>sazão</i> - tempo/ocasião/ momento)	Do latim <i>satione</i> .	Nascentes, 1955, p. 461; Corominas, 1987 [1961], p. 527; Nunes, 1970, p. 446.
<i>quinnões</i> (plural do substantivo <i>quinnon</i> - <i>quinhão</i>)	Do latim <i>quinione</i> .	Nascentes, 1955, p. 428.
<i>lijões</i> (substantivo <i>lesões</i>)	Plural de <i>lijon</i> .	Mettmann, 1972, p. 174.
<i>entenções</i> (plural do substantivo <i>entençon</i> - intenção)	Do latim <i>in + tentione</i> .	Nascentes, 1955, p. 489.
<i>gualardões</i> (plural do substantivo <i>galardon</i> - prêmio/ recompensa)	Do germânico <i>widarlon</i> , provavelmente do gótico <i>withralaun</i> .	Nascentes, 1955, p. 233; Corominas, 1987 [1961], p. 287.
<i>dragões</i> (plural do substantivo <i>dragon</i> - dragão)	Do grego <i>drákon</i> , pelo latim <i>dracone</i> .	Nascentes, 1955, p. 164.
<i>carvões</i> (plural do substantivo <i>carvon</i> - carvão)	Do latim <i>carbone</i> .	Nascentes, 1955, p. 101.
<i>tições</i> (plural do substantivo <i>tiçon</i> - tição)	Do latim <i>titione</i> .	Nascentes, 1955, p. 494.
<i>grinões</i> (substantivo <i>barba</i> / <i>bigode</i>)	Plural de <i>grinon</i> .	Mettmann, 1972, p. 157.

<i>religiões</i> (plural do substantivo <i>religion</i> - <i>religião</i>)	Do latim <i>religione</i> .	Nascentes, 1955, p. 439.
<i>ocajões</i> (plural do substantivo <i>ocajon</i> - <i>desgraça/desastre/ acidente</i>)	Do latim <i>occasione</i> .	Nascentes, 1955, p. 359.
<i>tentações</i> (plural do substantivo <i>tentaçon</i> - <i>tentação</i>)	<i>Tentación</i> derivou do latim <i>tentare</i> (<i>tentar</i>), frequentativo de <i>tenere</i> .	Nascentes, 1955, p. 490; Corominas, 1987 [1961], p. 563-564.
<i>leytões</i> (plural do substantivo <i>leiton</i> - <i>leitão</i>)	Do latim <i>lactone</i> . Aparece também sob as formas <i>leitone</i> e <i>lectone</i> .	Nascentes, 1955, p. 294.
<i>cabrões</i> (plural do substantivo <i>cabron</i> - <i>cabrão/bode</i>)	Do latim <i>caprunus</i> .	Corominas, 1987 [1961], p. 114.
<i>companhões</i> (plural do substantivo <i>compannon</i> - <i>companheiro</i>)	Do latim <i>compania</i> + sufixo <i>eiro</i> .	Nascentes, 1955, p. 130.
<i>rações</i> (plural do substantivo <i>raçon</i> - <i>ração</i>)	Do latim <i>ratione</i> .	Nascentes, 1955, p. 431.
<i>pregões</i> (plural do substantivo <i>pregon</i> - <i>pregão</i>)	Do latim <i>praecone</i> .	Nascentes, 1955, p. 414.
<i>ofreções</i> (plural do substantivo <i>offreçon</i> - <i>oferenda</i>)	Do latim <i>offerenda</i> .	Nascentes, 1955, p. 361.
<i>cochões</i> (plural de <i>cochon</i> - <i>homem vil/porco</i>)	Do espanhol <i>cochino</i> . Origem desconhecida.	Nascentes, 1955, p. 124; Corominas, 1987 [1961], p. 156; Nascentes, 1966, p. 184; Nunes, 1970, p. 421.
<i>granhões</i> (substantivo <i>barba</i>)	Plural de <i>grannon</i> .	Mettmann, 1972, p. 157.
<i>sões</i> (plural de <i>som</i> - <i>sons</i>)	Do latim <i>sonu</i> (<i>som</i>).	Nascentes, 1955, p. 476.
<i>felões</i> (plural do adjetivo <i>felon</i> - <i>traidor</i>)	Do latim <i>fellone</i> .	Nascentes, 1955, p. 212; Nunes, 1970, p. 430.
<i>razões</i> (plural do substantivo <i>razon</i> - <i>razão</i>)	Do latim <i>ratione</i> .	Nascentes, 1955, p. 435; Nunes, 1970, p. 445.
<i>varões</i>	Plural de <i>varão</i> (<i>varon</i>), que seria uma alteração de <i>barão</i> . Do antigo alemão <i>bairon</i> .	Nascentes, 1955, p. 520.

<i>dões</i> (plural do substantivo <i>dom - dons</i>)	Do latim <i>donu</i> .	Nascentes, 1955, p. 163; Nunes, 1970, p. 426.
<i>trões</i> (plural da preposição/conjunção <i>tro - até/até que</i>)	<i>Tro</i> vem do latim <i>intro</i> . <i>Trões</i> é a união de <i>tro + one</i> , que, com a queda do <i>-n-</i> , originou <i>trões</i> . A palavra aparece escrita como <i>troes</i> no códice Músicos.	Mettmann, 1972, p. 309.
<i>leões</i> (plural do substantivo <i>leon - leão</i>)	Do latim <i>leone</i> , de origem grega.	Nascentes, 1955, p. 293.
<i>crischões</i> (substantivo <i>cristãos</i>)	Do latim <i>christianu</i> .	Nascentes, 1955, p. 143; Nunes, 1970, p. 423.
<i>vilões</i> (substantivo ou adjetivo, dependendo do contexto)	Do latim <i>villanu</i> .	Nascentes, 1955, p. 526.
<i>torvões</i> (plural do substantivo <i>torvon - trovão</i>)	Do latim <i>turbone</i> (<i>turbone</i> > <i>torvon</i> > <i>torvão</i> > <i>trovão</i>).	Nascentes, 1955, p. 510.
<i>demões</i> (plural do substantivo <i>demo - demônio</i>)	Do grego <i>daimon</i> .	Nascentes, 1955, p. 151.
<i>corações</i> (plural do substantivo <i>coraçon - coração</i>)	Do latim <i>coratione</i> .	Nunes, 1970, p. 423.
<i>ladrões</i> (plural do substantivo <i>ladron - ladrão</i>)	Do latim <i>latrone</i> .	Nascentes, 1955, p. 288.
<i>orações</i> (plural do substantivo <i>oraçon - oração</i>)	Do latim <i>oratione</i> .	Nascentes, 1966, p. 534.
<i>prições</i> (plural do substantivo <i>prijon - prisão</i>)	Do latim <i>prenzione</i> por <i>prehensione</i> .	Nascentes, 1955, p. 416.
<i>visões</i> (plural do substantivo <i>vison/vijon - visão</i>)	Do latim <i>visione</i> .	Nascentes, 1955, p. 527.
<i>torçillões</i> (plural do substantivo <i>torcillon - torção</i>)	Do latim <i>tortione</i> .	Nascentes, 1955, p. 498.
<i>bastões</i> (plural do substantivo <i>baston - bastão</i>)	Do latim <i>bastum</i> . Italiano: <i>bastone</i> .	Nascentes, 1955, p. 65.
<i>pipões</i> (plural do substantivo <i>pepion/pipion - antiga moeda corrente em Castela</i>)	De <i>pepion/pipion</i> .	Mettmann, 1975, p. 229.
<i>peões</i> (plural do substantivo <i>peon - peão</i>)	Do latim <i>pedone</i> .	Nascentes, 1955, p. 386.

Fonte: adaptado de Nascentes (1955); Corominas (1987[1961]); Nunes (1970); Mettmann (1972); Lopes e Ferreira *et al.* (2011-)

Sobre as palavras terminadas em <ão/ãos> e <ões>, percebe-se que, para além dos dados em que houve a queda do *-n-* intervocálico do latim na passagem para o PA, várias palavras têm origem em vocábulos que apresentavam final *-on*. Em alguns dos casos exibidos nos quadros 9 e 10, não foi possível localizar a origem primeira do termo, no entanto, conseguimos apurar, ao menos, parte do caminho de sua constituição. Nos fragmentos mapeados, pôde-se recuperar que a nasalidade presente no PA vinha de estágios anteriores, sempre representada na escrita latina por um elemento nasal *n*, que, ao desaparecer, transferiu seu traço nasal para a vogal anterior.

Considerações finais

Este trabalho, embora tenha focalizado o ancestral medieval do português, consistiu em um estudo de natureza histórica dos termos com vogais e ditongos que apresentavam marcas gráficas usuais para a representação da nasalidade (til ou consoantes nasais). Ao olharmos para a origem das palavras presentes no período trovadoresco, pudemos compreender que a presença do til, anteriormente empregado graficamente para representar a abreviatura de uma consoante nasal suprimida, não se resume simplesmente à representação da nasalização da vogal e do ditongo do PA, mas simboliza, por este motivo, a queda de um elemento nasal *n* que antes figurava após essa vogal.

Por meio da análise da variação gráfica, das rimas e da origem das palavras nas quais as vogais e os ditongos com marcas gráficas representativas de nasalidade se situam, foi possível determinar que a nasalização do PA, representada, na escrita, pelo til, é o resultado da existência de uma consoante nasal *n* na origem das palavras. Essa consoante, geralmente vinda do ancestral latino e ocupando na palavra o contexto intervocálico, teria desaparecido e transferido seu traço nasal para a vogal que se encontrava na sílaba anterior. Convém pontuar que o til, mesmo podendo ainda representar, na época ora analisada, a abreviatura de um elemento consonantal nasal no travamento silábico, por certo já tinha passado a simbolizar, no período medieval da língua portuguesa, pelo menos algum nível de nasalização da vogal (ou das vogais, em ditongos).¹¹

Assim, esta pesquisa se filia às concepções de Camara Jr. (1985 [1970]) e Wetzels (1997) acerca da configuração da vogal nasal do português, entendendo que tal vogal compreende uma combinação entre vogal + segmento nasal. Logo, sílabas com vogais nasais se comportam como travadas por elemento consonântico. Tal definição se revela assertiva quando nos voltamos para a origem das palavras do PA, como demonstramos ao longo deste estudo.

¹¹ Sobre a função do til como representação gráfica da nasalização de vogais no ancestral medieval do português, veja-se Barreto e Massini-Cagliari (no prelo).

Agradecimentos

Agradecemos à FAPESP (Processo: 2022/09590-4) e ao CNPq (Processo: 304657/2023-9) por viabilizarem a realização desta pesquisa.

BARRETO, Débora Aparecida dos Reis Justo; MASSINI-CAGLIARI, Gladis; FONTE, Juliana Simões. The nasalization of vowels/diphthongs in the ancestry of current Brazilian Portuguese. **Alfa**, São Paulo, v. 69, 2025.

- *ABSTRACT: This paper aims to analyse phonological phenomena from the medieval period of Portuguese (or Galician-Portuguese), investigating vowels and diphthongs' nasalisation in 250 religious and secular troubadours' poetical texts. Our objective is to verify whether the diacritic tilde in the graphic representation of words that survived in the considered manuscripts corresponds to an abbreviation of a nasal consonant or to a signal of the vowel/diphthong nasalisation. The methodology is based on the consideration of the word origin (=etymology) and the distribution of the graphic marks of nasalisation inside the word. Data show that nasality in the archaic period originates from nasal consonants present in previous periods in which it was graphically represented by n, which disappeared at the phonetic level, transferring its nasal feature to the nearest vowel. In this context, even if the nasal is not phonetically realised as a consonant but as vowel nasalisation, syllables containing nasal vowels phonologically still correspond to a syllable closed by a nasal element.*
- **KEYWORDS:** *nasalisation; vowels; diphthongs; Ancient Portuguese; medieval Galician-Portuguese cantigas.*

Contribuição dos autores (conforme taxonomia CRediT)

Débora Aparecida dos Reis Justo Barreto: Conceitualização; Curadoria de Dados; Investigação; Metodologia; Administração do Projeto; Redação (Rascunho Original).

Gladis Massini-Cagliari: Conceitualização; Análise Formal; Metodologia; Administração do Projeto; Supervisão; Redação (Revisão e Edição).

Juliana Simões Fonte: Conceitualização; Metodologia; Administração do Projeto; Redação (Revisão e Edição).

Declaração de disponibilidade de dados

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

Referências

- ABREU, T. H. **Estudo das formas aumentativas e diminutivas em português arcaico.** 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.
- AFONSO X O SABIO. **Cantigas de Santa María:** edición facsímile do Códice de Toledo (To). Biblioteca Nacional de Madrid (Ms. 10.069). Vigo: Consello da Cultura Galega, Galáxia, 2003.
- BARRETO, D. A. R. J.; MASSINI-CAGLIARI, G. (no prelo) Análise do *status* fonológico das consoantes róticas, laterais e nasais duplas do português arcaico. Aceito para publicação em **Alfa, Revista de Linguística**. Unesp.
- BIAGIONI, A. B. **A sílaba em português arcaico.** Araraquara, 2002. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2002.
- BISOL, L. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A.**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.
- BISOL, L. Fonologia da nasalização. In: ABAURRE, M. B. M. **Gramática do português culto falado no Brasil:** volume VII: a construção fonológica da palavra. Coordenador-geral: Ataliba T. de Castilho. (org.). São Paulo: Contexto, 2013. p. 113-140.
- BUENO, F da S. **Antologia Arcaica:** trechos, em prosa e verso, coligidos em obras do século VIII ao século XVI. São Paulo: Indústria Gráfica Saraiva, 1968.
- CAMARA JR, J. M. **História e Estrutura da Língua Portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979. [1^a edição brasileira: 1975]
- CAMARA JUNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa.** 15. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. [1^a ed. 1970]
- CAMARA JUNIOR, J. M. **Estrutura da língua portuguesa.** Edição crítica. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2019.
- COROMINAS, J. **Breve diccionario etimológico de la lengua castellana.** 4. ed. Madrid: Gredos, 1987. [1^a ed. 1961]
- FONTE, J. S. As terminações nasais do português antigo. **Revista Moara, Estudos Linguísticos**, n. 36, jul.-dez. 2011.
- GRANUCCI, P. M. F. **O sistema vocálico do português arcaico:** um estudo a partir das rimas das cantigas de amigo. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

HOUAISS. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

LEÃO, Â. V. **Cantigas de Santa Maria de Afonso X, o sábio.** Aspectos culturais literários. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

LOPES, G. V.; FERREIRA, M. P. *et al.* (2011-), **Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online].** Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <http://cantigas.fcsh.unl.pt>. Acesso em: 30 mar. 2024.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Cantigas de amigo:** do ritmo poético ao linguístico. Um estudo do percurso histórico da acentuação em Português. Campinas, 1995. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.

MASSINI-CAGLIARI, G. Escrita do *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*: fonética ou ortográfica? **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, n. 2, p. 159-178, 1998.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Do poético ao lingüístico no ritmo dos trovadores:** três momentos da história do acento. Araraquara: FCL, Laboratório Editorial, UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999.

MASSINI-CAGLIARI, G. **Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses.** Fontes, edições e estrutura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, G. **A música da fala dos trovadores:** desvendando a prosódia medieval. 1. ed. São Paulo: Editora UNESP Digital, 2015.

MAIA, C. de A. **História do Galego-Português:** estado linguístico da Galiza e do Noroeste de Portugal desde o século XIII ao século XVI (Com referência à situação do galego moderno). Coimbra: INIC, 1986.

MATTOS E SILVA, R. V. **O português arcaico:** fonologia, morfologia e sintaxe. São Paulo: Contexto, 2006.

METTMANN, W. Glossário. In: AFONSO X, O SÁBIO. **Cantigas de Santa Maria.** Coimbra: Universidade, 1972. v.IV: Glossário.

METTMANN, W. (org.). **Cantigas de Santa María (cantigas 1 a 100):** Alfonso X, el Sabio. Madrid: Castalia, 1986.

MONGELLI, L. M. **Fremosos cantares:** Antologia da lírica medieval galego-portuguesa. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

MORAES, J. A. de. Produção e percepção das vogais nasais. In: ABAURRE, M. B. M. **Gramática do português culto falado no Brasil**: volume VII: a construção fonológica da palavra. Coordenador-geral: Ataliba T. de Castilho. (org.). São Paulo: Contexto, 2013. p. 95-112.

NASCENTES, A. **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa**. Com prefácio de W. MEYER LÜBKE, Professor jubilado da Universidade de Bonn. Rio de Janeiro, 1955.

NASCENTES, A. **Dicionário Etimológico Resumido**. Coleção: Dicionários Especializados. Instituto Nacional do Livro. Ministério da Educação e Cultura, 1966.

NUNES, J. J. **Crestomatia Arcaica**: Excertos da Literatura Portuguesa desde o que de mais antigo se conhece até ao Século XVI, acompanhados de Introdução Gramatical, Notas e Glossário. 7^a ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1970.

PARKINSON, S. Final nasals in the Galician-Portuguese cancioneiros. In: MACKENZIE, D. & MICHAEL, I. (ed.). **Hispanic Studies in Honour of F. W. Hodcroft**. Llangrannog: The Dolphin Book Co., 1993. p. 51-62.

PARKINSON, S. Aspectos teóricos da história das vogais nasais portuguesas. **Actas do XII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística**. Braga-Guimarães 1996. Lisboa: APL, 1997. vol. II. p. 253-272.

PARKINSON, S. **As Cantigas de Santa Maria**: estado das cuestiós textuais. Anuario de estudos literarios galegos, 1998, p. 179-205.

TEYSSIER, P. **História da língua portuguesa**. 6. ed. portuguesa. Lisboa: Sá da Costa, 1994.

VENÂNCIO, F. **Assim nasceu uma língua**. São Paulo: Tinta da China, 2019.

WETZELS, W. L. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. **Probus**, p. 01-34, fev. 1997.

Recebido em 2 de julho de 2024

Aprovado em 21 de outubro de 2024

Editora responsável: Gisele Cássia de Sousa